



ANGÉLICA HEINEN MAHLE

MEMÓRIAS DOCENTES NO FAZER PEDAGÓGICO DA APAE – LAJEADO/RS

ESTRELA, 2020

ANGÉLICA HEINEN MAHLE

MEMÓRIAS DOCENTES NO FAZER PEDAGÓGICO DA APAE – LAJEADO/RS

Dissertação apresentada ao Mestrado em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle – Unilasalle, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa
Coorientadora: Profa. Dra. Tamara Cecília Karawejcyk Telles

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M214m Mahle, Angélica Heinen.

Memórias docentes no fazer pedagógico da APAE Lajeado (RS)
[manuscrito] / Angélica Heinen Mahle – 2020.

67 f.; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) –
Universidade La Salle, Canoas, 2020.

“Orientação: Prof^a. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa”.

1. Memória social. 2. Fazer pedagógico. 3. Educação especial. I. Rosa,
Lúcia Regina Lucas da. II. Título.

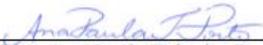
CDU:316.7

ESTRELA, 2020
ANGÉLICA HEINEN MAHLE

MEMÓRIAS DOCENTES NO FAZER PEDAGÓGICO DA APAE – LAJEADO/RS

Dissertação apresentada ao Mestrado em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle – Unilasalle, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

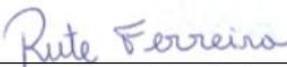
BANCA EXAMINADORA:



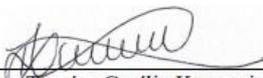
Profa. Dra. Ana Paula Teixeira Porto
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões



Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
Universidade La Salle



Profa. Dra. Rute Henrique da Silva Ferreira
Universidade de Caxias do Sul



Profa. Dra. Tamara Cecilia Karawejczyk Telles
Coorientadora –
Universidade La Salle



Profa. Dra. Lucia Regina Lucas da Rosa
Orientadora e Presidenta da Banca –
Universidade La Salle

Area de concentração: Memória Social e Bens Culturais

Curso: Mestrado em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 18 de dezembro de 2020.

Universidade La Salle
AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus, pela vida e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

Agradeço minha orientadora Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa por acreditar na minha capacidade e por estar sempre me instigando para vencer minhas inseguranças e ansiedades durante este processo. Gratidão pelas conversas, conselhos e ensinamentos compartilhados. E a todos os docentes do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais, da Unilasalle, pelas trocas de experiências, inspirações e aprendizagens. Vocês foram fundamentais na minha trajetória.

Aos colegas da turma do mestrado em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle – Unilasalle, Canoas e Faculdade de Tecnologia La Salle de Estrela, pela amizade e troca de experiências nesta fase tão importante da minha vida.

À direção, coordenação e professores da APAE de Lajeado que possibilitaram o desenvolvimento desta pesquisa com suas importantes contribuições e que através de suas entrevistas possibilitaram esse estudo sobre as memórias dos docentes no fazer pedagógico da instituição e elaboração do documentário, dando suas contribuições através de seus depoimentos e dando importância para este trabalho, por isso, declaro minha gratidão.

Aos meus pais, Antenor Mahle e Rosa Marquit Heinen Mahle, pelo exemplo de vida, pelo incentivo constante, pelo amor, dedicação e companheirismo em todos os momentos.

Ao meu irmão e amigo, Messias Heinen Mahle pelo companheirismo, pela cumplicidade e pelo apoio em todos os momentos delicados da minha vida.

Ao meu companheiro Samuel Henrique Bauer por ser apoio e me incentivar nos momentos de dificuldade. Por todo amor, carinho e atenção despendidos a minha pessoa.

À S Wobeto Editora e Vídeos pela filmagem e auxílio na elaboração do vídeo do documentário. A todos que de uma forma ou outra colaboraram com a concretização deste trabalho, o meu muito obrigada.

RESUMO

A presente dissertação se insere no campo de memória social e teve como objetivo pesquisar quais são as memórias construídas pelos professores da APAE/Lajeado quanto ao fazer pedagógico para o ensino em educação especial. A partir da coleta de dados realizada durante o processo de investigação foi elaborado um documentário intitulado “Memórias do fazer pedagógico”. Este produto foi publicado na plataforma youtube bem como nas redes sociais da instituição, ficando disponível à comunidade, demonstrando os dados coletados na pesquisa e registros das práticas pedagógicas realizadas dentro da instituição. A pesquisa constatou que o ensino especial se constrói em torno da igualdade de oportunidades, atendendo as necessidades de cada educando através de adaptações do sistema educacional. Sendo assim, a partir do compromisso dos educadores com a diversidade e com a igualdade de oportunidades, os educandos têm acesso a uma educação capaz de responder às suas individualidades.

Palavras-chave: Memória social. Fazer pedagógico. Educação Especial.

ABSTRACT

The present dissertation is part of the field of social memory and aimed to research what are the memories constructed by the teachers of APAE at Lajeado as to do pedagogical teaching in special education. From the data collection carried out during the investigation process, a documentary entitled "Memories of pedagogical doing" was prepared. This product was published on the Youtube platform as well as on the institution's social networks, being available to the community, demonstrating it in the research and records of pedagogical practices carried out on the inside of the institution. The research found that special education is built around equal opportunities, meeting the needs of each student through adaptations of the educational system. Thus, from the educators' commitment to diversity and same opportunities, students have access to an education capable of responding to their individualities.

Keywords: Social memory. Doing pedagogical. Special education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Grupo de Convivência/2015.....	16
Figura 2 – Integrante do Grupo de Convivência/2015.....	16
Figura 3 – Fachada da APAE, Lajeado, RS.....	29
Figura 4 – Observação aula “A”, registro 1.....	47
Figura 5 – Observação aula “A”, registro 2.....	48
Figura 6 – Observação aula “B”, registro 1.....	49
Figura 7 – Observação aula “C”, registro 1.....	50
Figura 8 – Observação aula “C”, registro 2.....	51
Figura 9 – Observação aula “D”, registro 1.....	52
Figura 10 – Observação aula “E”.....	53
Figura 11 – Observação aula “D”, registro 2.....	54
Figura 12 – Observação aula “C”, registro 3.....	55
Figura 13 – Observação aula “B”, registro 2.....	56

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Memorial.....	17-20
Quadro 2 – Atores da pesquisa, descrição dos cinco professores entrevistados	23
Quadro 3 – Descritores	26
Quadro 4 – Grupos de atendimento da Escola de Educação Especial Bem Me Quer da APAE, Lajeado, RS	40-41
Quadro 5 – Descrição da pergunta “Quais são as lembranças do seu início na APAE/Lajeado?”	41-42
Quadro 6 – Descrição da pergunta “Como você organiza/planeja suas aulas?” ..	43-44
Quadro 7 – Descrição da pergunta “O que sustenta o seu fazer pedagógico?” ..	45-46
Quadro 8 – Cronograma das filmagens	58
Quadro 9 – Roteiro das cenas de filmagens	58

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Problema de pesquisa	13
1.1.1	<i>A Educação Especial</i>	13
1.1.2	<i>O professor de Educação Especial</i>	14
1.1.3	<i>O cotidiano da sala de aula na Educação Especial</i>	14
1.2	Justificativa da escolha do tema	15
1.2.1	<i>Memorial</i>	17
1.3	Objetivos	20
1.3.1	<i>Objetivo geral</i>	20
1.3.2	<i>Objetivos específicos</i>	20
1.4	Metodologia	21
1.4.1	<i>Descrição do estudo</i>	21
1.4.2	<i>Técnicas de coleta de dados</i>	22
1.4.2.1	Entrevistas Semiestruturadas	24
1.4.2.2	Observação Participante	24
1.4.2.3	Procedimentos e técnicas	25
2	REVISÃO CONCEITUAL	26
2.1	Trabalhos publicados sobre o tema	26
2.1.1	<i>Categoria Memória Social</i>	26
2.1.2	<i>Educação Especial</i>	29
2.1.3	<i>Fazer Pedagógico</i>	32
2.1.4	<i>Competência</i>	34
2.1.5	<i>Conhecimento / Conhecimento Prático</i>	35
3	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	37
3.1	O que acontece na APAE	37
3.2	Escola de Educação Especial da APAE	38
3.3	Fala dos Professores	41
3.4	Observação e Análise das aulas	47
3.4.1	<i>Competência 1 – Organizar e dirigir situações de aprendizagem</i>	48
3.4.2	<i>Competência 2 – Administrar a progressão das aprendizagens</i>	49

3.4.3	<i>Competência 3 – Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação</i>	49
3.4.4	<i>Competência 4 – Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho</i>	50
3.4.5	<i>Competência 5 – Trabalhar em equipe</i>	51
3.4.6	<i>Competência 6 – Participar da administração da escola</i>	52
3.4.7	<i>Competência 7 – Informar e envolver os pais</i>	53
3.4.8	<i>Competência 8 – Utilizar novas tecnologias</i>	54
3.4.9	<i>Competência 9 – Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão</i>	55
3.4.10	<i>Competência 10 – Administrar sua própria formação contínua</i>	56
4	PRODUTO CULTURAL	57
4.1	Planejamento e considerações metodológicas	57
4.2	Apresentação do documentário	58
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
	REFERÊNCIAS	62
	APÊNDICE A – Roteiro de perguntas	65
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	66

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é estudar as memórias dos docentes no “fazer pedagógico” da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Lajeado/RS, buscando dar visibilidade ao trabalho docente a partir de um documentário aberto à comunidade demonstrando os dados coletados na pesquisa e registros das práticas pedagógicas realizadas dentro da instituição. De maneira específica, se buscará compreender as trajetórias, memórias e vivências dos professores, levantando dados acerca das suas trajetórias, conhecendo suas memórias pedagógicas, abordando o fazer docente na instituição. Também irá se observar a rotina de professores na instituição, conhecendo a interação e o fazer pedagógico com discentes a fim de descrever os processos de ensino e de aprendizagem.

A instituição APAE está situada no município de Lajeado, Vale do Taquari/RS. De acordo com as informações contidas nos registros internos, a APAE foi fundada em 1971 e é uma entidade civil de caráter assistencial, sem fins lucrativos, com sede e foro na cidade de Lajeado, na Rua Washington Luiz, 270 - bairro São Cristóvão, com 1.518 m² de área construída.

A APAE funciona em prédio próprio e se constitui como organização. Possui equipe técnica completa, com os seguintes profissionais: fonoaudiólogas, fisioterapeutas, médica clínica geral, médico neuropediatra, psicólogas, terapeutas ocupacionais, estimuladoras precoce, psicopedagogas, assistente social e professores graduados e especializados com curso de capacitação em deficiência intelectual e monitores. Ao todo, 53 profissionais prestam atendimentos a 351 alunos/usuários.

Tratando-se de classes especiais, a APAE do município de Lajeado tem uma escola vinculada à instituição, a Escola de Educação especial Bem Me Quer, fundada em 21 de outubro de 1971 por um grupo de lideranças do município, devido à urgente necessidade de oferecer atendimento à grande camada de pessoas com deficiência sem atendimento específico. O movimento cresceu rapidamente, sempre com apoio e comprometimento de toda a comunidade e com boas administrações ao longo de todos esses anos. Primeiramente funcionando em sala cedida, quando em seguida, adquirido um terreno com casa (chalé) passando então a funcionar em

local próprio onde até hoje se localiza. Foi projetado um prédio inicial e desde então, feitas várias ampliações e melhorias, adequando os espaços para uma melhor acessibilidade. Em todos esses anos, sempre se identificou grande apoio da comunidade local.

Em seus 49 anos de funcionamento, a entidade presta serviços às pessoas com deficiência de baixa renda, que estejam em situação de vulnerabilidade social. Além dos atendimentos de serviços de Assistência Social (SUAS), a APAE possui a Escola de Educação Especial Bem Me Quer, reconhecida pelo Conselho Estadual de Educação e atendimentos clínicos na área da saúde conveniados através do SUS.

A presente dissertação apresenta a APAE, descreve e analisa as memórias dos docentes frente ao Fazer Pedagógico vivenciado dentro da instituição. Também é apresentada a entrevista realizada com cinco professores da instituição, bem como imagens da prática pedagógica destes professores. São observadas algumas interrelações entre aspectos e elementos do planejamento e do fazer pedagógico dos professores com a memória social e a visão de Halbwachs (2006) e outros pensadores a respeito da memória dentro do espaço de construção de cultura, a escola.

Segundo Candau (2011), a memória é “geradora” de identidade, no sentido de que participa da sua construção. A identidade é uma representação, e memória é uma construção presente desde o nascimento e surgimento da espécie humana. Portanto, memória e identidade se reforçam conjuntamente, se interligam. Assim, a memória social e a prática pedagógica dos docentes conectam-se, visto que fortalecem que a memória está relacionada com as aprendizagens, pois a busca identitária dos docentes estará sempre acompanhada pelas suas memórias, rememorando assim, as metodologias, construções e desafios do fazer pedagógico. A pesquisa é de natureza qualitativa, trazendo as memórias e dinâmicas da prática pedagógica dos professores da APAE. A partir de entrevistas com cinco professores, foram apresentadas as memórias pedagógicas e trajetória desses professores, conhecendo e abordando o fazer docente na instituição. Também foram observadas as rotinas dos cinco professores em sala de aula a fim de conhecer os cotidianos do fazer pedagógico dentro da instituição, compreendendo os processos de ensino e de aprendizagem entre estes docentes e seus discentes. A partir dos dados coletados foi produzido um documentário apresentando o fazer pedagógico dos docentes da

instituição a fim de dar visibilidade a este trabalho. Portanto, uma parte desta dissertação apresenta o produto técnico como condição parcial para a titulação do mestrado profissional em Memória Social e Bens Culturais.

O professor de classe especial certamente conhece o diagnóstico do aluno, as principais características e decorrências de seu quadro patológico, mas quase nunca usa este dado como ponto de partida para conhecer as potencialidades do sujeito (FREIRE; VALENTE, 2001). Para os autores, o diagnóstico é mais frequentemente visto como um fator limitante na vida escolar do aluno; define o que o sujeito não pode fazer. Nós, professores, buscamos visualizar e acreditar nas potencialidades do sujeito, explorando o que o discente pode fazer.

Quanto à viabilidade da pesquisa, a instituição mostrou-se aberta e interessada, já que o produto final trará visibilidade ao trabalho dos professores da casa. A direção e coordenação da APAE, também, acreditam que o processo de construção da pesquisa acarretará na elaboração de um novo olhar dos professores sobre a sua prática pedagógica, já que os encontros trouxeram o refletir aos professores quanto ao seu fazer diário.

1.1 Problema de pesquisa

1.1.1 A Educação Especial

A Educação Especial é uma área voltada ao atendimento e educação de pessoas com alguma deficiência. Ou seja, a educação especial é organizada para atender específica e exclusivamente alunos com determinadas necessidades especiais.

O atendimento acontece em instituições de ensino regulares ou locais especializados. Dessa forma, algumas escolas dedicam-se apenas a um tipo de necessidade, enquanto outras se dedicam a vários (como por exemplo as APAES). Sendo assim, os objetivos da educação especial são os mesmos da educação em geral, entretanto, o que difere é o atendimento, que passa a ser de acordo com as diferenças individuais do aluno.

O ensino especial se constrói em torno da igualdade de oportunidades, atendendo as necessidades de cada educando através de adaptações do sistema

educacional. Sendo assim, os educandos têm acesso a uma educação capaz de responder às suas individualidades.

1.1.2 O professor de Educação Especial

Pesquisas apontam que as lacunas presentes nos cursos de formação podem deixar a prática dos professores desconectada da realidade dos alunos. Vale destacar que a metodologia dos programas de atualização deve considerar a prática, as experiências e o saber fazer do professor. Quer dizer, é preciso considerá-lo protagonista/referência no contexto em que atua (ALONSO, 2013).

Ainda segundo a psicopedagoga especialista em educação inclusiva, Daniela Alonso (2013), o professor, como organizador da sala de aula, deve guiar e orientar as atividades dos alunos durante os processos de aprendizagem. Dessa forma, o projeto pedagógico da escola direciona as ações do professor, porém, é ele quem deve assumir o compromisso com a diversidade e com a igualdade de oportunidades.

Nóvoa (2001), em entrevista à revista Nova Escola, considera que

[...] O desenvolvimento pessoal e profissional depende muito do contexto em que exercemos nossa atividade. Todo professor deve ver a escola não somente como o lugar onde ele ensina, mas onde aprende. A atualização e a produção de novas práticas de ensino só surgem de uma reflexão partilhada entre os colegas. Essa reflexão tem lugar na escola e nasce do esforço de encontrar respostas para problemas educativos. Tudo isso sem cair em meras afirmações retóricas. Nada vai acontecer se as condições materiais, salariais e de infraestrutura não estiverem devidamente asseguradas. O debate sobre a formação é indissociável das políticas de melhoria das escolas e de definição de uma carreira docente digna e prestigiada.

Ou seja, assumindo um compromisso com a prática em sala de aula, é importante que o professor analise e reflita sobre a sua própria prática, e assim como garante o autor, o melhor caminho é sempre dialogar, debater e refletir com os colegas.

1.1.3 O cotidiano da sala de aula na Educação Especial

Daniela Alonso (2013), destaca que educar na diversidade exige um dia a dia com práticas pedagógicas que valorizem as diferenças da sala de aula. Além de adaptar o planejamento e os processos de ensino, é preciso que os educadores

conectem-se ao cotidiano escolar, olhando para as competências dos alunos, e não apenas para suas limitações.

O presente estudo procurou responder, através de uma pesquisa com professores da APAE de Lajeado a seguinte pergunta central:

Quais são as memórias do fazer pedagógico construídas pelos professores da APAE/Lajeado para o ensino em educação especial?

Segundo Nóvoa, o melhor lugar para aprender a lecionar é a própria escola. "A produção de práticas educativas eficazes só surge de uma reflexão da experiência pessoal partilhada entre os colegas" (NÓVOA, 2001). Para o autor a bagagem teórica terá pouca utilidade, se você não fizer uma reflexão integral sobre sua vida, como aluno e como profissional da educação.

1.2 Justificativa da escolha do tema

Como professora pós-graduada em Educação Especial e estudante do Curso de Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais, a escolha deste tema se deu pelo interesse em compreender quais são as memórias do fazer pedagógico construídas pelos professores da APAE/Lajeado para o ensino em educação especial. A pesquisa acontecerá dentro da escola da APAE/Lajeado, por perceber e acreditar que a instituição, além de ser a escola da pessoa com deficiência, é também um espaço de construção e reconstrução do fazer pedagógico dos docentes que lá atuam.

Segundo Halbwachs (2006, p. 29), "[...] o primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso". Partindo desta afirmativa, relembro minha atuação como educadora na instituição em 2015 e 2016, onde, desde o primeiro dia em que lá entrei, ciente do diagnóstico de cada um dos meus alunos, lembrava a teoria da graduação e buscava informações no curso de pós-graduação. Então, buscando em minhas memórias as teorias e lembranças das práticas de ensino, partindo de conversas com os colegas professores e observações reflexivas aos alunos, que fui aprendendo e lá construindo os meus saberes e minhas práticas pedagógicas, para então, aplicar com cada aluno.

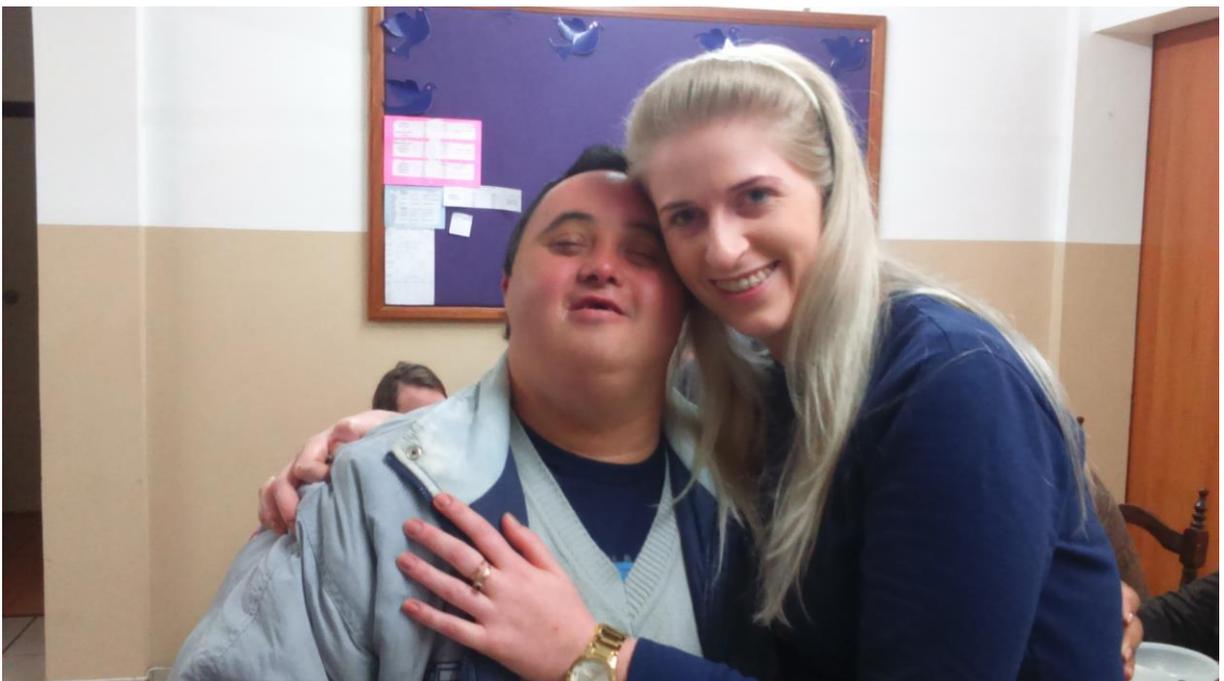
Figura 1 – Grupo de Convivência/2015



Fonte: elaborado pela autora (2015).

O Grupo de Convivência da APAE foi a primeira turma com a qual trabalhei, a figura 1, é retrato de uma das vivências do grupo. Nossas tardes eram repletas de aprendizados voltados à interação e ao desenvolvimento social.

Figura 2 – Integrante do Grupo de Convivência/2015



Fonte: elaborado pela autora (2015).

As práticas pedagógicas iam além das paredes da sala de aula, na figura 2 é possível fazer a leitura do quanto as habilidades socioemocionais ganhavam espaço no dia a dia escolar. A partir da convivência e do olhar sensível que íamos adquirindo, cabia a nós, educadores, construirmos um fazer pedagógico que proporcionasse o desenvolvimento integral do estudante.

Cabe a ele, a partir de observações criteriosas, ajustar suas intervenções pedagógicas ao processo de aprendizagem dos diferentes alunos, de modo que lhes possibilite um ganho significativo do ponto de vista educacional, afetivo e sociocultural (PRADO; FREIRE, 2001).

Também justifico a escolha do tema por acreditar que a formação e a aquisição de conhecimentos sobre a educação inclusiva são imprescindíveis para fomentar a prática pedagógica dos professores. Buscando pela formação continuada, nós, professores, temos a possibilidade de atualizarmos e transformarmos a nossa prática profissional. O acesso ao conhecimento e o exercício da reflexão nos permitem a ressignificação dos princípios e a possibilidade de mudar os paradigmas já construídos.

Assumindo um compromisso com a prática em sala de aula, nós, educadores, como organizadores do espaço escolar, devemos guiar e orientar as atividades dos alunos durante os processos de aprendizagem. Dessa forma, as memórias dos professores da APAE, construídas em sala de aula, são estudadas neste trabalho de mestrado por acreditar que elas influenciam diretamente no fazer pedagógico. Temos papel importante na vida dos nossos alunos, já que nossa prática significa a construção de conhecimento de cada um dos nossos alunos.

1.2.1 Memorial

A seguir é apresentado um breve memorial (em primeira pessoa do singular).

Quadro 1 – Memorial

Memorial
Ao ingressar no Curso Normal do Colégio Madre Bárbara – Lajeado/RS em 2007, onde exerço parte das minhas atividades profissionais até hoje, criou-se a oportunidade de estabelecer meus primeiros contatos com a Educação, através dos estágios obrigatórios compostos por práticas pedagógicas realizadas em escolas de Educação Infantil e Escolas de Ensino Fundamental Anos Iniciais. Desde o princípio percebi a

Memorial

importância de ter um planejamento organizado, onde se transformassem as ideias em realidade, fazendo acontecer o ensino e a aprendizagem tanto do professor como dos alunos.

Tão logo eu iniciava minhas idas às escolas, momento de colocar em prática a teoria, pude perceber que nem sempre minhas aulas envolviam todos os alunos da sala, o planejamento que eu tinha em mãos nem sempre alcançava a todos os alunos da sala de aula. Por vezes, em algumas disciplinas do Curso Normal, falou-se de alunos com deficiência, porém, mal sabia eu do desafio que era a inclusão na sala de aula.

No ano de 2009, passados todos os estágios obrigatórios, eu me formava no Curso Normal. Naquele período, tive oportunidade de trabalhar como estagiária em uma escola de educação infantil, iniciava então a minha vida profissional. Durante dois anos, diariamente em contato com crianças de 4 meses a 6 anos, pude acompanhar o quão desafiadora e ao mesmo tempo encantadora é a sala de aula, e mais uma vez eu dava início à convivência com alunos com laudo, bem como outros que por diversos fatores ainda não tinham laudo. Percebia o quão importante era ter estas crianças conosco na escola, portanto, não me sentia preparada para atendê-los, pois a inclusão ainda era novidade.

Ainda em 2009, cheia de sonhos e dúvidas, iniciei a Graduação em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. Frequentando as aulas da graduação, mais conhecimento era construído, porém, no que diz respeito à Educação Especial, ainda existiam várias lacunas e pouco se falou sobre o assunto. Então, quando planejava minhas aulas em parceria com outras colegas professoras, buscava elaborar estratégias pensando nas dificuldades e potencialidades dos alunos a fim de criar possibilidades para todos se desenvolverem. Cabe ressaltar que para algumas famílias a dificuldade e/ou deficiência do seu filho também era algo novo, que por vezes sinalizado pela escola e nem sempre de fácil adaptação para os pais.

A cada ano, surgiam mais alunos com laudo e mais famílias buscando respostas para as dificuldades dos seus filhos e ao final da graduação, no ano de 2013, muitos anseios para com os alunos com deficiência restavam, portanto fui buscar respostas na Pós-Graduação Lato Sensu - Especialização em Educação Especial no Centro Universitário UNIVATES, que concluí em 2015. A especialização trouxe muita informação e mudou o meu olhar, fazendo-me acreditar nestes alunos, dando suporte e segurança para o meu dia a dia em sala de aula.

O que eu não imaginava é que eu estava prestes a me aproximar ainda mais da Educação Especial. Ainda no ano de 2015 tive o privilégio de ter uma experiência profissional na APAE de Lajeado/RS. Vivenciar a deficiência tão de perto, trouxe medo, choro, angústias, dias em que nada parecia fazer sentido, porém também houve dias em que todo o planejamento dava certo e os olhos brilhavam por acompanhar as evoluções e o coração se preenchia de esperança.

A APAE foi para mim uma segunda pós-graduação, ou talvez até um mestrado, pois não houve um dia em que não aprendi, não houve um dia em que não acompanhei um colega professor fazendo uma nova descoberta. Trabalhar na APAE me fez compreender inúmeras leituras

Memorial

que havia feito e me aproximou de famílias que ainda passavam pelo luto da descoberta de ter um filho com deficiência. Porém, também me aproximou de tantas outras famílias que junto dos profissionais da instituição formavam uma rede de apoio, rede de apoio tão importante para o desenvolvimento destas pessoas e resultados destes alunos.

Anteriormente faço uso da palavra pessoa e depois aluno, pois esta também foi uma das aprendizagens que tive na APAE. Seguramente os profissionais da instituição analisam o que é importante para o desenvolvimento da pessoa com deficiência, como por exemplo, comunicar-se com sua família, localizar-se nos lugares que frequenta, sua higiene pessoal, controle de suas emoções, etc. Após estas conquistas, são ofertados momentos de ensino e de aprendizagem voltados ao olhar escolar.

As situações de ensino e de aprendizagem que aconteceram na APAE afirmaram o quanto o nosso olhar deve ser individualizado, principalmente quando se fala em educação especial. As turmas eram compostas por alunos cheios de laudos e estes, recheados de diagnósticos, porém, nós, professores, acreditávamos nas potencialidades e fazíamos do fazer pedagógico um momento repleto de vivências para todos.

Em 2018, ao ingressar no curso de Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais, reforçou meu interesse pela pesquisa em memória social, que tem como objeto de estudo o aprofundamento em atividades de pesquisa interdisciplinares voltadas para construção de conhecimentos básicos e aplicados relativos à memória e suas relações com diagnóstico, preservação e promoção de patrimônios, análise de elementos na formação e transformação de identidades coletivas, diagnóstico e análise “socio-histórica” de espaços de cultura e de memória, entre outros. A possibilidade de um estudo mais profundo quanto às memórias e ao fazer pedagógico dos docentes da APAE - Lajeado/RS, se encaixava nas pesquisas do PPG em Memória Social e Bens Culturais. Para tanto, tornou-se necessária uma análise mais abrangente e, ao mesmo tempo, mais aprofundada da APAE - Lajeado.

Após manifestar meu interesse sobre o estudo dentro da APAE, e com o apoio da professora orientadora Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa e da coorientadora Dra. Tamara Cecília Karawejcyk, houve acompanhamento para o desenvolvimento das atividades do estudo, houve a orientação a leituras de autores cujas obras, por sua relevância, viessem a enriquecer os conhecimentos e a compreensão para a elaboração do conteúdo proposto.

Durante todas as pesquisas elaboradas no decorrer do curso de Mestrado, se fez necessária a reunião de um conjunto de informações e diante da necessidade da confecção de um produto técnico, uma vez que o mestrado é profissional, percebi a oportunidade de desenvolver algo em prol da APAE, dando visibilidade ao trabalho desenvolvido pelos profissionais da instituição. Assim, no sentido de organizar as informações encontradas a respeito da APAE, buscando dar visibilidade ao trabalho docente foi pensada a organização de um Documentário, aberto à comunidade demonstrando os dados coletados na pesquisa e

Memorial
registros fotográficos das práticas pedagógicas realizadas dentro da instituição. O documentário “Memórias do Fazer Pedagógico” foi elaborado por meio de material bibliográfico, dados coletados nas entrevistas com cinco professores e registros de materiais de ensino e de aprendizagem, onde aparece o fazer pedagógico entre professores e alunos. Entendo que esse instrumento, o material construído para o documentário, apresentado a partir de agora dentro e fora da instituição, traz uma nova possibilidade de acesso da comunidade ao trabalho pedagógico desenvolvido pelos profissionais da instituição.

Fonte: elaborado pela autora (2015).

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Dar visibilidade e mais significado ao trabalho docente realizado na APAE Lajeado a partir de um Documentário intitulado “Memórias do Fazer Pedagógico”.

O documentário está publicado na plataforma do youtube bem como nas redes sociais da instituição, ficando disponível à comunidade, demonstrando os dados coletados na pesquisa e registros das práticas pedagógicas realizadas dentro da instituição.

1.3.2 Objetivos específicos

- Compreender as memórias e vivências dos professores da APAE/Lajeado, levantando dados acerca das suas práticas pedagógicas na instituição;
- Identificar quais as estratégias usadas pelos professores na rotina da instituição, conhecendo e observando a interação com discentes e seus processos de ensino e de aprendizagem;
- Analisar as dificuldades e/ou facilidades apontadas pelos docentes no fazer pedagógico da instituição;
- Criar um documentário, demonstrando os dados coletados na pesquisa e registros das práticas pedagógicas realizadas dentro da instituição.

1.4 Metodologia

1.4.1 Descrição do estudo

A presente dissertação foi desenvolvida no município de Lajeado (RS) e trata das memórias dos docentes no fazer pedagógico da instituição. Desta forma, os dados da dissertação derivam das entrevistas de cinco professores da APAE. Os atores são formados por um grupo de professores da escola vinculada à instituição, a Escola de Educação Especial Bem Me Quer.

Para Richardson (1999), a pesquisa, no sentido mais amplo, refere-se às indagações, perguntas, dúvidas e questionamentos sobre determinado assunto, com o intuito de descobrir uma resposta. Em nosso cotidiano estamos constantemente pesquisando, porém nem sempre de maneira científica. Pesquisar é procurar informações que não temos conhecimento, e que temos interesse em saber, ou seja, é buscar o conhecimento e formar opiniões sobre o fato pesquisado.

Tomada num sentido amplo, pesquisa é toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos oriente em nossas ações (RICHARDSON, 1999).

Quanto à finalidade, o presente estudo trata de uma pesquisa aplicada, pois objetivou gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos aos desafios que o ensino na educação especial apresenta, envolvendo verdades e interesses dos professores bem como da comunidade escolar. Do ponto de vista dos objetivos foi uma pesquisa descritiva, onde não ocorreu a interferência da pesquisadora que registrou e descreveu as características narrativas, os fatos observados sem interferir neles para a produção do documentário. Descreveu as características, ou fenômenos ou o estabelecimento das relações. Envolveu o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: um questionário e observação assistida acompanhando os cinco professores em sua prática pedagógica. Tal observação resultou em registros, análises dos dados levantados, sem influência e interferência da pesquisadora. Quanto aos procedimentos, a pesquisa foi bibliográfica e documental. Elaborada a partir de bibliografia e material já publicado, constituído principalmente de: revistas, livros, publicações em artigos científicos, boletins,

jornais, monografias, internet, teses, dissertações, com o objetivo de buscar o máximo de materiais já escritos sobre o assunto da pesquisa. Em relação aos dados coletados, atentou-se para a confiabilidade e fidelidade das fontes consultadas eletronicamente (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Essa forma de abordagem foi empregada na presente pesquisa, visto que buscou a relação causa-efeito, entre os fenômenos para descrever, analisar a interação de variáveis, compreender e classificar processos experimentados por grupos sociais, como no caso dos professores contribuir e valorizar no fazer pedagógico diário dentro da instituição. Quanto ao local, tratou-se de uma pesquisa de campo, realizada na sala de recepção da instituição APAE de Lajeado. Assim, se obteve as informações e/ou conhecimentos acerca do fazer pedagógico dos professores.

Portanto, dentre os diversos tipos de pesquisa, nesse estudo serão utilizados métodos qualitativos de pesquisa. A pesquisa qualitativa se distingue das outras metodologias de pesquisa devido aos métodos, técnicas, por estar mais voltada para a realidade empírica e pela forma de comunicar o conhecimento obtido. Minayo (2001) a caracteriza como um tipo de pesquisa que

[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2001, p. 14).

Portanto, a pesquisa qualitativa preocupa-se com a qualidade e com a essência do que será pesquisado, característica que a torna apropriada para a investigação a ser desenvolvida que terá também caráter descritivo, pois objetiva compreender as trajetórias, memórias e vivências dos professores da APAE/Lajeado.

1.4.2 Técnicas de coleta de dados

Nesse estudo a coleta de dados teve duas etapas interrelacionadas: a realização de Entrevistas Semiestruturadas e de Observações Participantes, com

utilização de registros em diários de campo e em material audiovisual (fotografias) da prática dos docentes da instituição.

Os atores da pesquisa são professores da APAE de Lajeado que atuam dentro da escola vinculada à instituição, conforme Quadro 2. Os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, para a divulgação dos dados. A escolha dos entrevistados não foi orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência (ALBERTI, 2004).

Estes professores entrevistados também foram escolhidos por mais proximidade, e excelente trabalho que desenvolvem há tantos anos na APAE. Segundo Paulo Freire, “Não há docência sem discência”, ou seja, a educação e os conhecimentos são construções feitas por ambos, educador e educando.

Para a construção docente, Freire ressalta a importância da reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas e metodológicas na formação permanente dos professores. Essa reflexão se faz pensando criticamente no hoje e ontem para melhorar e transformar a realidade dos educandos que frequentam a escola, vislumbrando sempre suas potencialidades.

Quadro 2 – Atores da pesquisa, descrição dos cinco professores entrevistados

Entrevistado	Formação	Tempo de APAE	Turma de atuação
1	Pedagogia, Pós-Graduação em andamento.	3 anos	Independização (adultos)
2	Pedagogia	10 anos	Independização (9 - 12 anos)
3	Pedagogia, Pós-Graduação em Psicopedagogia	7 anos	Grupo de Convivência (adultos)
4	Pedagogia, Pós-Graduação em Educação Infantil	5 anos	Independização (4 - 6 anos)
5	Pedagogia, Pós-Graduação em andamento	4 anos	Ciclo 2 - Alfabetização (7 - 9 anos)

Fonte: elaborado pela autora (2019)

1.4.2.1 Entrevistas Semiestruturadas

Neste tipo de pesquisa, geralmente as entrevistas são a principal metodologia utilizada. A qualidade é o foco desta pesquisa, projetando-se uma descrição, uma descoberta ou uma hipótese. O pesquisador é considerado como o principal instrumento de pesquisa. A pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar, a fim de descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987).

Para a realização desta pesquisa, se utilizou a entrevista semiestruturada que possibilita ao informante a emissão de respostas livres e espontâneas sobre suas experiências partindo do foco principal proposto pelo pesquisador. As questões organizadas para a entrevista levaram em conta o embasamento teórico da investigação. A entrevista foi utilizada para complementar os dados obtidos através da observação.

1.4.2.2 Observação Participante

Quanto ao desenvolvimento desta pesquisa qualitativa, o trabalho de campo assumiu grande importância. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa precisa do trabalho de campo, onde a interação do pesquisador com os sujeitos da investigação é essencial.

Sendo assim, a observação da rotina em sala de aula dos cinco professores para a coleta de dados foi selecionada devido à possibilidade de se captar uma variedade de situações às quais não se teria acesso senão por meio de perguntas. A observação é uma forma de captar a realidade empírica, e para que se torne válida e fidedigna, requer planejamento em relação ao que observar e como observar. A utilização desta técnica é vantajosa, pois permite o contato pessoal do pesquisador com o objeto de investigação.

Através das imagens fotográficas produzidas durante as observações da rotina de aula dos cinco professores, tivemos a chance do reconhecimento do espaço e do autoconhecimento, já que o registro fotográfico nos ofereceu um instante de congelamento e lembrança dos momentos vividos. Nós, professores, temos um papel muito importante na vida dos nossos alunos, principalmente quando

conseguimos desenvolver nossas práticas pedagógicas com amor, acreditando e cativando os estudantes para o trabalho.

A fotografia, como recurso utilizado em uma pesquisa qualitativa, amplia a possibilidade de mostrarmos como estamos resgatando, no caso, as culturas destes professores. Mais que documento ou prova do acontecido, a imagem pretende revelar as formas culturais da realidade pesquisada. Em cada fotografia está impregnada a realidade à mostra e suas influências vividas nos entrelaçamentos das subjetividades das crianças que se encontram para construir espaços culturais.

Boris Kossoy (2007, p. 146) nos diz que a fotografia é memória, “[...] enquanto registro social da aparência dos cenários, personagens, objetos, fatos: documentado é sempre memória daquele preciso momento e tema”. Nas fotografias feitas a partir das observações das aulas dos cinco professores entrevistados, fica perceptível o envolvimento dos educadores e dos alunos nas situações pedagógicas, uma vez que transbordam as possibilidades criadas e o amor de cada professor sobre cada estudante.

1.4.2.3 Procedimentos e técnicas

A presente dissertação foi desenvolvida no município de Lajeado (RS) e trata das memórias dos docentes da Instituição APAE no seu fazer pedagógico. Desta forma, os dados da dissertação derivam das entrevistas de cinco professores da instituição que relatam as suas experiências individuais quanto à prática pedagógica em sala de aula.

2 REVISÃO CONCEITUAL

Nessa revisão teórica, a primeira seção é o estado da arte com levantamento dos descritores deste estudo. Depois se destaca os conceitos das categorias de análise previamente definidas como memória social, educação especial, fazer pedagógico, competência, conhecimento e conhecimento prático respectivamente.

2.1 Trabalhos publicados sobre o tema

Conforme levantamento dos trabalhos no banco de dados da Capes, com o objetivo de avaliar o estado da arte do tema da presente pesquisa, foram selecionados no período de 2015 até 2020, os seguintes descritores: Memória Social, Educação Especial e Fazer Pedagógico apresentado no quadro 3.

Quadro 2 – Descritores

Base de dados	Descritores	Total de títulos
CAPES	Memória Social	10.115
CAPES	Educação Especial	15.246
CAPES	Fazer Pedagógico	2.886
CAPES	Memória Social X Educação Especial X Fazer Pedagógico	115

Fonte: adaptado pela autora (2020) a partir de Buscar... [2020?].

O total de trabalhos encontrados é significativo nas ciências sociais e humanas, sendo uma tendência o aprofundamento do tema da educação especial. Segue o desenvolvimento das categorias elencadas.

2.1.1 Categoria Memória Social

Maurice Halbwachs, nascido em Reims, na França, em 11 de março de 1877, estudou na École Normale Supérieure de Paris. A obra do pensador se destaca por suas referências no campo da psicologia social, uma tese sobre o nível de vida dos operários, e sua obra mais célebre é o estudo do conceito de memória coletiva que

ele criou. Portanto, Halbwachs foi o fundador do campo de estudos de memória, escolheu a análise de quadros sociais para explicar a memória e foi um dos autores que mais contribuiu para a compreensão do significado da memória coletiva. Afirmou que tudo o que lembramos do passado faz parte de construções coletivas do presente, portanto a memória deve ser compreendida como algo que se reconstrói o tempo todo (HALBWACHS, 2006).

Para o autor, fazem parte do reconstruir contínuo os processos de acúmulo e de perda, os arquivos e restos e as lembranças e os esquecimentos. A memória não pode ser definida de maneira unívoca por nenhuma área do conhecimento, o que a constitui como um campo de estudos eminentemente interdisciplinar e polissêmico. Portanto, qualquer perspectiva que escolhamos traz opções éticas e políticas (HALBWACHS, 2006).

Para Halbwachs (2006), a memória social possui diversos significados e uma variedade de sistemas de signos que servem de suporte para a construção de memórias. Encontramos os sistemas de signos simbólicos onde se enquadram as palavras ou escritas, também possuímos os sistemas de signos icônicos onde estão as imagens desenhadas ou esculpidas, e por fim nos deparamos com os sistemas de signos indiciais que seriam as marcas corporais (HALBWACHS, 2006). O pensador ainda afirma que a memória não é considerada um fenômeno individual, é um elemento característico do processo de construção de identidades coletivas. Sendo assim, a memória não é pensada como característica estritamente singular, portanto é avaliada como parte de um processo social.

Segundo Santos (1998), Halbwachs afirma que a memória não é, e não pode ser considerada o ponto de partida, pois é adquirida na medida em que o indivíduo toma como sua as lembranças do grupo com o qual se relaciona. Há um processo de apropriação de representações coletivas por parte do indivíduo em interação com outros indivíduos.

Ainda para Halbwachs (2006), as organizações dos espaços da memória estão ligadas a muitas coisas, tais como: espaços públicos consequentes de políticas de memória; estabelecer um vínculo entre as experiências do passado e as da vida atual; proporcionar conhecimento a respeito do que se sucedeu por via da documentação histórica recolhida atribuindo destaque aos testemunhos. Os espaços ficam sendo ícones, nele encontram-se suas memórias, escritas ou imaginadas. Para tanto, apoio-me no autor para pensar sobre as experiências dos professores

em suas práticas pedagógicas, e levar em consideração que suas lembranças, quanto ao fazer pedagógico nas práticas do dia a dia na escola, estão relacionadas ao grupo de alunos atendidos, ao grupo de colegas professores com os quais se relacionam, ou seja, a comunidade escolar na qual os professores estão inseridos.

Desta forma, as memórias sobre o fazer pedagógico serão construídas em grupo, sendo que cada memória individual é um ponto de vista, uma visão, sobre a memória coletiva. Isso acontece porque o fazer pedagógico dos professores perpassa por todos os alunos e colegas professores envolvidos naquela prática, tocando assim a vida dos que estão ao seu redor. A lembrança é resultado de um processo coletivo, estando inserida em um contexto social específico. As lembranças dos educadores permanecem coletivas e são lembradas por outros, isso acontece na medida em que o indivíduo está inserido em um grupo social, e a escola é um dos grupos sociais da vida de um professor.

Novas pesquisas sobre a memória começam com a ideia de que não apenas os indivíduos se lembram das coisas, mas também grupos, sociedades e nações (ASSMANN, 2011a). O trabalho de Aleida Assmann (2011a) é um dos mais conceituados, quando se fala de lembrança e memória, em uma entrevista para uma revista a autora afirma:

A nova pesquisa sobre a memória começou com a ideia de que não apenas os indivíduos se lembram das coisas, mas também grupos, sociedades e nações. Lembrar e esquecer passaram a ser reconhecidos como aspectos importantes tanto da convivência em sociedade quanto também da política. A lembrança da história em comum desempenha um papel muito relevante para o pertencimento político das gerações posteriores, como provam diversas cerimônias nas quais se celebra a memória nacional. Enquanto a memória individual está ligada ao curto espaço de tempo da vida de uma pessoa, se esvaindo com o fim da mesma, a memória cultural de longo prazo, que perpassa diversas gerações, está ancorada na mídia, nas instituições e nos rituais. Tanto para os indivíduos quanto para o coletivo, vale uma lógica semelhante da lembrança: os acontecimentos que valorizam a própria pessoa são salientados, ignorando-se tudo o que poderia pôr em xeque uma imagem positiva de si mesmo (ASSMANN, 2011b)

Portanto, enquanto a memória individual está ligada ao curto espaço de tempo da vida de uma pessoa, a memória cultural de longo prazo perpassa gerações, está ancorada nas instituições, nos rituais e na mídia. Então, lembrar e

esquecer passaram a ser levados como importantes tanto na política como na convivência em sociedade. Sendo assim, os conceitos e teorias à frente da memória social, nos dão embasamento para compreender as memórias do fazer pedagógico dos professores acerca da instituição APAE/Lajeado.

2.1.2 Educação Especial

A filosofia da Escola de Educação Especial visa à prevenção, estimulação, reabilitação, escolarização e inclusão da pessoa com deficiência, procurando evitar sua segregação e preparando-a em suas potencialidades para conviver integrada com a família e a coletividade. A APAE acredita que a sociedade tem a responsabilidade de implicar-se na problemática da deficiência, não podendo atribuir apenas aos pais, órgãos públicos e filantrópicos a responsabilidade sobre a administração desta questão. Atualmente a pessoa com deficiência tem seus direitos assegurados.

Figura 3 – Fachada da APAE, Lajeado, RS



Fonte: A APAE... (c2019).

Estas instituições têm por finalidade melhorar a qualidade de vida das pessoas com deficiência intelectual, múltipla e autismo e suas famílias, desenvolvendo ações para reabilitar, educar e integrar as pessoas com deficiência à comunidade, ao mercado de trabalho e dar suporte emocional aos pais, contribuindo

para o manejo adequado e para que as relações interfamiliares se deem de forma harmônica e saudável. O objetivo norteador da instituição é melhorar a qualidade de vida com nossa intervenção, estimular, reabilitar, educar e integrar as pessoas com Deficiência intelectual, múltipla e autismo à comunidade e ao mercado de trabalho, e, dar suporte emocional aos pais, contribuindo para que o manejo e as relações interfamiliares se deem de forma harmônica e saudável (APAE LAJEADO, 2019).

Inspirados em Halbwachs (2006), pode-se afirmar que os profissionais e alunos da instituição são a vinculação de um grupo a um espaço: os grupos “[...] estão ligados naturalmente a um lugar, porque é o fato de estar juntos num dado espaço que permite aos seus membros criar laços sociais” (HALBWACHS, 2006, p. 203). O espaço é coordenador fundamental da vida social, e constitui um quadro de referência importante e persistente que se pode dizer que não existe qualquer memória coletiva que não se desenvolva num dado quadro espacial.

De acordo com a APAE BRASIL, Federação Nacional das APAES, as raízes históricas e culturais do fenômeno "deficiência" sempre foram marcadas por forte rejeição, discriminação e preconceito. E, diante da ineficiência do Estado em promover políticas públicas sociais que garantam a inclusão dessas pessoas, surgem famílias empenhadas em quebrar paradigmas e buscar soluções alternativas para que seus filhos com deficiência intelectual ou múltipla alcancem condições de serem incluídos na sociedade, com garantia de direitos como qualquer outro cidadão ([PÁGINA..., 2020]).

Nesse contexto, surgiram as primeiras associações de familiares e amigos que se mostraram capazes de lançar um olhar mais propositivo sobre as pessoas com este tipo de deficiência. Convivendo com um Estado despercebido das necessidades de seus integrantes, tinham a missão de educar, prestar atendimento médico, suprir suas necessidades básicas de sobrevivência e lutar por seus direitos, na perspectiva da inclusão social.

Segundo informações do “Movimento Apaeano: A Maior Rede de Atenção à Pessoa com Deficiência”, essa mobilização teve que contar com o apoio de vários profissionais que, acreditando na luta dessas famílias, empreenderam estudos e pesquisas, buscaram informações em entidades congêneres no exterior, trocando experiências com pessoas de outras nacionalidades que também sofriam a imposição de um sistema capitalista que tendia a aniquilar as pessoas "descapacitadas" ([PÁGINA..., 2020]).

Foi então que, no Brasil, essa mobilização social começou a prestar serviços de educação, saúde e assistência social a quem deles necessitasse, em locais que foram denominados como APAE, constituindo uma rede de promoção e defesa de direitos das pessoas com deficiência intelectual e múltipla, que hoje conta com mais de 350 mil pessoas com estes tipos de deficiência, organizadas em 2.178 unidades presentes em todo o território nacional. Toda essa mobilização em torno da pessoa com deficiência, impulsionada pela Declaração dos Direitos Humanos, que culminou na criação das Apaes e, com a expansão desta iniciativa Brasil afora, convencionou-se a tratá-la como o "Movimento Apaeano".

O Movimento Apaeano é uma grande rede, constituída por pais, amigos, pessoas com deficiência, voluntários, profissionais e instituições parceiras - públicas e privadas - para a promoção e defesa dos direitos de cidadania da pessoa com deficiência e a sua inclusão social. Atualmente o Movimento congrega a Fenapaes - Federação Nacional das Apaes, 24 Federações das Apaes nos Estados e mais de duas mil Apaes distribuídas em todo o País, que propiciam atenção integral a mais de 350 mil pessoas com deficiência intelectual e múltipla. É o maior movimento social do Brasil e do mundo, na sua área de atuação.

A Fenapaes - Federação Nacional das Apaes é uma organização social sem fins lucrativos, reconhecida como de utilidade pública federal e certificada como beneficente de assistência social. Têm caráter cultural, assistencial e educacional, que congrega como filiadas, atualmente, 2.178 Apaes e entidades filiadas, que compõem a Rede Apae. Sua missão institucional é promover e articular ações de defesa dos direitos das pessoas com deficiência e representar o Movimento perante os organismos nacionais e internacionais, para a melhoria da qualidade dos serviços prestados pelas Apaes, na perspectiva da inclusão social de seus usuários.

A APAE nasceu em 1954, no Rio de Janeiro. Caracteriza-se por ser uma organização social, cujo objetivo principal é promover a atenção integral à pessoa com deficiência, prioritariamente aquela com deficiência intelectual e múltipla. A Rede Apae destaca-se por seu pioneirismo e capilaridade, estando presente, atualmente, em mais de 2 mil municípios em todo o território nacional. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Qualibest (2006), a pedido da Federação Nacional das Apaes, mostrou que a Apae é conhecida por 87% dos entrevistados e tida como confiável por 93% deles. São resultados expressivos e que refletem o trabalho e as

conquistas do Movimento Apaeano na luta pelos direitos das pessoas com deficiência.

Nesse esforço destacam-se a incorporação do Teste do Pezinho na rede pública de saúde; a prática de esportes e a inserção das linguagens artísticas como instrumentos pedagógicos na formação das pessoas com deficiência, assim como a estimulação precoce como fundamental para o seu desenvolvimento. De acordo com o Censo IBGE 2010, o Brasil tem 45.606.048 de pessoas com deficiência, o que equivale a 23,9% da população do País. 18,60% foram declaradas pessoas com deficiência visual, 7% com deficiência motora, 5,10% com deficiência auditiva e 1,40% com deficiência mental (CENSO..., 2010).

Para Maurice Halbwachs (2006), é a memória que garante a permanência do espaço tal como ele foi, ou então a permanência das atitudes adotadas pelo grupo diante deste espaço. Partindo dessa afirmativa, sabe-se da importância do trabalho com base nos princípios, valores e missão da instituição APAE/Lajeado, para que aconteça interação no processo de transformação social, de produção e continuidade de um futuro que são envolvidos com e pela memória.

2.1.3 Fazer Pedagógico

A prática é considerada fonte de aprendizagem do conhecimento profissional. Schulmann (*apud* PACHECO; FLORES, 1999, p. 36), aponta que “[...] a prática é decisiva na aquisição do conhecimento profissional do professor mesmo que se diga que é menos codificada de todas as fontes”. Em sala de aula, para os professores, a aprendizagem é um dos objetivos principais das práticas pedagógicas, sendo que a compreensão do que se entende por aprender é essencial na construção de uma proposta de educação, também mais aberta e dinâmica, resultando, por práticas pedagógicas transformadoras.

Os professores que realizam os atendimentos dentro da APAE acolhem o indivíduo, pensam em práticas pedagógicas com a elaboração e organização de recursos pedagógicos de acessibilidade, que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas nos espaços da APAE diferenciam-se daquelas realizadas em salas de aula comum, complementando e ou suplementando na formação dos

alunos. Vale citar aqui as competências ligadas às transformações do ofício do professor.

Partindo desta afirmativa, sinalizamos a prática docente, comportando situações complexas, incertas, singulares, imprevistas, como uma sucessão de micro decisões dos mais variados caracteres, que perpassam por interações, conflitos e contradições constantes (CAMPOS; DINIZ, 2001). Em face dessa caracterização, compreende-se um constante reinventar do professor, a partir do qual é elaborado um determinado saber, denominado saber da experiência. Segundo Perrenoud (1999, p. 30): "Competência é a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos como os saberes, as capacidades, as informações, etc., para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações". Perrenoud entende competência como "[...] capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação" (PERRENOUD, 2000, p. 15). A prática reflexiva e participação crítica são entendidas como orientações prioritárias para a formação de professores. Para tanto, o autor sugere que sejam desenvolvidas com os professores uma lista com dez competências profissionais, assim apontadas:

- 1) Organizar e dirigir situações de aprendizagem;
- 2) Administrar a progressão das aprendizagens;
- 3) Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação;
- 4) Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho;
- 5) Trabalhar em equipe;
- 6) Participar da administração da escola;
- 7) Informar e envolver os pais;
- 8) Utilizar novas tecnologias;
- 9) Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão;
- 10) Administrar sua própria formação contínua (PERRENOUD, 2000).

Pode-se compreender, assim, que as competências são fundamentais na discussão sobre os processos de ensino-aprendizagem, assim como para a relação entre educação e realidade. Os recursos pedagógicos não são apenas objetos materiais, entretanto também servem de auxílio, de apoio, significam um meio para atingir-se um objetivo. Portanto, podemos dizer que os recursos pedagógicos são práticas educacionais e ações projetadas para atender um objetivo de

aprendizagem, deste modo, os recursos são ferramentas que promovem a participação autônoma do aluno com deficiência.

O conhecimento prático, segundo Pacheco e Flores (1998), é um conhecimento feito de experiências, orientado para a ação, derivado da experiência pessoal e da transmissão oral de outros professores, adquirido pela prática e pelo confronto de experiências, ligado ao modo pessoal e profissional de agir do professor. A aprendizagem criativa é uma experiência consciente, manipulada e transformadora (CUNHA, 2014). Não se restringe simplesmente às influências sobre os conceitos existentes, mas abarca modificações operadas pelo aprendiz que vão traduzir-se em uma nova forma de executar tarefas ou manusear materiais. Alunos com deficiência já são predispostos a improvisações em razão de restrições que possuem. Há neles um potencial criativo que necessita ser explorado em sala, pois limitações genéticas podem ser superadas pelos estímulos do ambiente escolar.

Dessa forma, cabe ao professor levar em conta vários fatores, como o meio sociocultural e a história de vida de cada educando, com suas características pessoais, sensoriais, motores e psíquicas, para que possa dar a devida atenção e atender da melhor forma possível. Então, para um bom desempenho da aprendizagem das crianças é necessário que haja disponibilidade cognitiva e emocional, pois é um fator essencial para que aconteça uma interação com colegas e aprenda a conviver em grupo, a se socializar e a entender as normas, valores e as atitudes uns dos outros.

2.1.4 Competência

Ao falar em competência é necessário conceituar também habilidade. Segundo o dicionário online de português, habilidade é “[...] qualidade daquele que é hábil; capacidade, destreza, agilidade: ter habilidade para trabalhos manuais [...]” (HABILIDADE, c2009-2020). Essa conceituação vai ao encontro do que Perrenoud (1999) escreve, pois para ele quando o sujeito passa a mobilizar conhecimentos e capacidades, para resolver uma situação-problema da vida real, sem ao menos pensar ou planejar, então ele está utilizando a habilidade. Para Perrenoud (1999), habilidade trata-se de uma sequência de modos operatórios, de induções e deduções, onde são utilizados esquemas de alto nível.

Portanto, para o autor, a habilidade é uma série de processos mentais que o indivíduo aciona para resolver uma circunstância real, onde ele precise tomar uma decisão. Os professores que assumem o ensino por competências se apropriam de responsabilidades na escolha das suas práticas. Além disso, modificam suas próprias visões a respeito da cultura e da sociedade, principalmente, ao construir conhecimentos (PERRENOUD, 1999).

Em relação à construção de saberes e competências, Perrenoud diz que o professor deve ser o organizador de uma pedagogia construtivista, sendo assim, seus alunos teriam condições de construir seus próprios saberes. Além disso, o professor deve promover situações de aprendizagem sabendo administrar, principalmente, os diferentes níveis escolares dos seus alunos, sendo capaz de demonstrar percursos de desenvolvimento individualizados, dando garantia de sentido aos saberes construídos pelos alunos.

2.1.5 Conhecimento / Conhecimento Prático

Pode-se dizer que, para o ser humano viver é necessário o domínio ou o conhecimento da ciência, no que diz respeito ao conhecimento sobre o que está ao seu redor. O conhecimento é essencial não só para o homem viver, portanto, é necessário para melhorar a própria existência e a dos outros, tornando a vida o melhor possível.

Segundo Vygotsky (1984), durante o processo de elaboração do conhecimento participam três essenciais elementos, o aluno como sujeito do conhecimento, os conteúdos e significados e o professor atuante como mediador. Esse processo de elaboração indica a identificação e análise das construções para que ocorra o conhecimento. Então as ideias de Vygotsky (1984; 2008) tornam-se um marco na interação entre aprendizado e desenvolvimento humano. As relações com o conhecimento já adquirido voltam à atenção e à memória do indivíduo, orientando-o para a aprendizagem.

Portanto, o conhecimento é construído ativamente pelo educando através da interação social, por isso o professor desempenha papel importante nessa construção ao possibilitar ao aluno o contato com uma ampla rede de relações. Tratando-se de classes especiais, a APAE de Lajeado oportuniza esta prática, bem

como é possível observar que no dia a dia as interações acontecem em diversos espaços da escola, perpassando as paredes da sala de aula.

Ainda se tratando de conhecimento, a partir da pesquisa realizada, observa-se que tanto quanto os educandos, os professores também são impactados pelos conhecimentos ofertados nos ambientes da APAE. Levando em consideração que a formação e a aquisição de conhecimentos no âmbito da educação inclusiva são imprescindíveis para fundamentar o fazer pedagógico dos professores.

A produção de conhecimento vem ocorrendo em ritmo acelerado, pois o acesso à informação acontece com muita rapidez. Com isso, há necessidade de estudo constante e atualização por parte dos professores, levando em consideração o fato de a educação inclusiva ser uma prática em construção. O saber está sendo construído à medida que as experiências se acumulam, lapidando e aprimorando as práticas e o fazer pedagógico.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A partir da sistemática das entrevistas, das observações e dos documentos internos da instituição, surgiram dados que serão a seguir apresentados.

3.1 O que acontece na APAE

A APAE tem como missão: Promover e articular ações de defesa de direitos, prevenção, orientações, prestação de serviços, apoio à família, direcionados à melhoria da qualidade de vida da pessoa com deficiência e a construção de uma sociedade justa e solidária. Os valores são: Respeito à diversidade, Ética, Transparência e igualdade em todos os serviços, Credibilidade, Afetividade, Qualidade profissional. E tem como visão: Ser a melhor opção em serviços especializados às pessoas com deficiência intelectual, múltipla e autismo.

A instituição é dividida em três categorias: Assistência Social, Saúde e Educação.

Assistência Social: O serviço social atua diretamente com as famílias sendo fundamental para o desenvolvimento de mecanismos para integrar família, escola e comunidade. É uma ferramenta de orientação, encaminhamentos e ações combinadas para superação das dificuldades e favorecendo a garantia da defesa dos direitos das pessoas com deficiência.

Programas de Convivência são atendimentos para pessoas adultas, com um grande comprometimento intelectual, associado a questões de pouca autonomia, nas atividades de vida diária e que necessitam de auxílio na locomoção, comunicação, alimentação e higiene. As atividades desenvolvidas buscam promover a qualidade de vida, resgatar a autonomia e independência nas atividades do dia a dia. É um elemento de integração, desempenho funcional, fortalecimento de vínculo, fazendo com que o processo de envelhecimento seja harmonioso e saudável.

A Sala de Convivência e Fortalecimento de Vínculos desenvolve ações pontuais dentro da Assistência Social. Oferece um espaço acolhedor para atividades diversificadas: escuta, orientação, integração e valorização da participação coletiva.

Saúde: A assistência médica dentro da própria instituição, através de clínico geral e neuropediatria, assegura às famílias dos usuários o direito de diagnósticos mais rápidos, condutas terapêuticas adequadas e atendimento imediato.

Com instalações adequadas e confortáveis, o atendimento é realizado com experiência, formação técnica, dedicação e amor por diversos profissionais das áreas de Medicina, Psicologia, Psicopedagogia, Fonoaudiologia, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Estimulação Precoce entre outros serviços gerais e administrativos que contribuem com conhecimento para melhorar a qualidade de vida, saúde, educação, inclusão social de alunos e usuários.

Educação: A Escola Especial da APAE, reconhecida pelo Conselho Estadual de Educação, atende alunos com deficiência intelectual, deficiência múltipla e o transtorno global do desenvolvimento que necessitam de apoio permanente nas modalidades de ensino fundamental e sócio-educacional. Conforme regimento escolar atende com currículos adaptados a Ed. Infantil, Fundamental e EJA.

Para esta pesquisa foi analisado o setor Educação.

3.2 Escola de Educação Especial da APAE

Segundo o Regime Interno Escolar, revisado em 2015, o objetivo da escola é: Oferecer ensino fundamental – anos iniciais e ensino fundamental – anos iniciais na modalidade de educação de jovens e adultos para educandos com deficiência intelectual e/ou múltipla e autismo, cujas necessidades educativas exigem adaptações curriculares específicas e funcionais, de acordo com os interesses, necessidades e possibilidade dos educandos, envolvendo a comunidade escolar no processo educativo.

A matrícula é o ato de vinculação do educando à escola e o processo de matrícula na Escola de Educação Especial da APAE obedece às normas legais e pedagógicas. Sendo assim, a matrícula compreende admissão de novos educandos, educandos transferidos, educandos já pertencentes ao corpo discente ou educandos sem comprovante de escolarização, conforme legislação vigente. São aceitos educandos com deficiência intelectual, e/ou múltiplas, diagnosticada pela equipe interdisciplinar/ médico neuropediatra da mantenedora. A matrícula é realizada anualmente e não há renovação de matrícula automática, para educandos novos é previsto a qualquer tempo, quando houver vaga. A efetivação da matrícula ocorre após a apresentação dos documentos comprobatórios, exigidos pela instituição.

Os educandos matriculados na escola têm obrigatoriedade de frequência, segundo calendário escolar, bem como em outras atividades escolares para os quais

forem convocados. São considerados evadidos os educandos que apresentarem 30 dias consecutivos de faltas sem justificativa, sendo cancelada sua matrícula.

A escola desenvolve conteúdos curriculares de caráter funcional e prático levando em conta as características e possibilidades do educando. Visa atividades relacionadas ao desenvolvimento de habilidades básicas, a consciência de si, os cuidados pessoais da vida diária, o exercício da independência e o relacionamento interpessoal dentre outras habilidades. A metodologia da Escola está alicerçada nas dimensões humano, técnico, político e social fortalecendo a relação entre a escola e a vida, criando através das relações interpessoais possibilidades para o desenvolvimento global do educando.

Com isso, a forma metodológica de trabalho está interligada à vivência social, respeitando o ritmo próprio de cada educando, buscando desenvolver suas potencialidades e a autonomia. No ensino fundamental, a metodologia trabalhada nas diferentes áreas do conhecimento está fundamentada na relação educador - educando, na valorização das vivências, no lúdico e na prática do cotidiano. O trabalho propicia condições para o desenvolvimento das potencialidades do educando. Os educandos com deficiência intelectual e/ ou múltipla poderão se beneficiar da educação de jovens e adultos de forma adaptada a sua capacidade, possibilitando o desenvolvimento de escolarização. Os currículos e programas são organizados numa abordagem que busca a construção do conhecimento.

O educando é avaliado durante o ano letivo de forma contínua para que ocorra adequação permanente entre as necessidades especiais e os programas ofertados.

A avaliação escolar considera todas as dimensões de aprendizagem (cognitiva, afetiva, cultural, social e outras) e desempenho dos educandos, através da avaliação contínua, portanto, a avaliação dos educandos é realizada ao final de cada semestre letivo em conselho de classe interdisciplinar, com registro dos resultados e encaminhamentos de cada profissional envolvido no ensino e aprendizagem do educando.

O desempenho do educando é registrado semestralmente, através de parecer descritivo, para a comprovação e legalidade da sua vida escolar, contemplando os progressos e o processo de aprendizagem e de formação do educando. Para tanto, a escola adota para o ensino fundamental – anos iniciais a promoção do educando por progressão continuada, respeitando a faixa etária do educando, sendo

realizadas reuniões e/ou momentos individuais com as famílias para análise do processo ensino, aprendizagem, frequência e outros aspectos relevantes para o desenvolvimento do educando.

Assim, a categoria escola da APAE está dividida em quatro grupos de atendimento:

Quadro 4 – Grupos de atendimento da Escola de Educação Especial Bem Me Quer da APAE, Lajeado, RS

Grupos de atendimento da Escola de Educação Especial Bem Me Quer da APAE, Lajeado, RS	
Turmas	Educação Infantil – crianças a partir de 4 anos até 5 anos e 11 meses Ensino Fundamental Ciclo I – crianças a partir de 6 anos até 8 anos e 11 meses Ciclo II – crianças a partir de 9 anos até 11 anos e 11 meses Ciclo III – crianças a partir de 12 anos até 14 anos e 11 meses Educação de Jovens e Adultos (EJA) – modalidade Anos Iniciais
Turmas TEA (Transtornos do Espectro do Autismo)	O Programa específico para Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) atende crianças e adolescentes com este diagnóstico, independente do grau de comprometimento cognitivo. Oferece atividades educacionais e terapêuticas com ações nas áreas de linguagem, cognição, cuidados pessoais e socialização com objetivo de desenvolver potencialidades, diminuir comportamentos inadequados e ampliar o convívio social.
EJA Oficinas	As turmas de EJA V Oficina I e EJA VI Oficina II, atendem alunos a partir dos quinze anos, sem limite de idade, com potencial cognitivo/pedagógico e de inserção no mercado de trabalho. Os alunos destas turmas apresentam habilidades variadas e/ou interesses pedagógicos. As turmas são compostas por até oito alunos, permanecendo por quatro horas diárias, cinco dias da semana. As turmas são organizadas por etapas, perfazendo um total de 4.000 horas/aula, ou seja, até 5 anos de permanência, conforme o Regimento Interno Escolar. Faz parte do currículo destas turmas além das atividades pedagógicas, atividades artísticas como dança, teatro e música. Os alunos inseridos nestas turmas e que frequentam curso preparatório para o mercado de trabalho ou estágio em

Grupos de atendimento da Escola de Educação Especial Bem Me Quer da APAE, Lajeado, RS	
	<p>empresa, que já passaram da idade obrigatória de escolarização, permanecem nestas turmas com cronograma de atendimento de 2 a 3 vezes por semana.</p> <p>As turmas de EJA – Oficinas se constituem com objetivo de identificar e preparar alunos para o mercado de trabalho, conquistando uma vida autônoma e feliz fora da APAE. Queremos um desligamento progressivo e maduro, para que aluno e família estejam seguros e fortalecidos nesta nova etapa de suas vidas.</p>
Atividades Extracurriculares	<p>As atividades culturais, incluindo música, teatro e dança objetivam o fortalecimento da cultura da diversidade gerando uma visão igualitária para pessoas deficientes e diferentes. Procura reconhecer novos talentos dentro da instituição e prepará-los para mostrar seu potencial artístico e promover a sua realização pessoal.</p> <p>Nas atividades físicas busca-se aprimorar o desenvolvimento psicomotor através de atividades lúdicas e desafiadoras que incentivem novas habilidades e desenvolvam a capacidade física, intelectual e neuropsicomotora.</p> <p>Com os treinamentos esportivos intensifica-se o potencial coletivo e individual, respeitando as limitações mas, motivando sempre para a superação. Em várias modalidades esportivas, a APAE vem se destacando em competições a nível regional, estadual e nacional.</p>

Fonte: elaborado pela autora (2019).

3.3 Fala dos Professores

Quadro 5 – Descrição da pergunta “Quais são as lembranças do seu início na APAE/Lajeado?”

Entrevistado	Resposta/Fala
1	<i>“Eu logo me encantei, logo me adaptei, logo foi... Foi tranquilo [...]”</i>
2	<i>“Foi diferente... Porque aqui, querendo ou não, eles são totalmente dependentes de ti [...] Eu consigo ver muito a mudança, o resultado do trabalho, mas desde que tu realmente siga a linha, né? De que tu precisa ter uma sala estruturada, tu precisa ter um método de organização com eles, seja em foto, seja de pictogramas com agenda, seja objeto concreto [...] Assim a gente faz toda uma sondagem, a gente vai fazendo trocas, né? E aí a gente consegue ver uma</i>

Entrevistado	Resposta/Fala
	<i>grande evolução, mas tem que, né [...] Tem que funcionar essa questão, assim, da regra, da estrutura, do trabalho [...]</i>
3	<i>“Antes de entrar, quando a Cris me contava como era aqui eu dizia pra ela: “Bah, Cris, eu acho que eu não vou conseguir, eu vou chorar todos os dias’ [...] Com o passar dos dias eu fui aprendendo que não, que eles são capazes e aí eu ficava braba quando não dava certo. Mas eles conseguem, sabe? Pra quem vê de fora tudo é emocionante, tudo é: ‘Ah, olha o que eles conseguiram, coitadinhos [...]’. Quando tu tá aqui dentro tu sabe que eles podem mais e tu acredita que eles podem mais. É outra visão”.</i>
4	<i>“Porque a gente nunca sabe como é trabalhar numa escola de educação especial, e assim, o primeiro momento te assusta, né? Mas assim, com o passar do tempo tu vai vendo as coisas aqui dentro com outros olhos, e eu acho que mais do que tudo assim, tu te torna uma pessoa muito mais humana quando tu passa por uma APAE”.</i> <i>“Que isso tudo que aconteceu aqui dentro também é um reflexo que acontece com outros profissionais, porque o desgaste emocional que a gente vive aqui dentro [...] A gente se alegra muito também, com diferentes situações, mas que tem... Algumas crianças, assim, que são desafios diários, né? E que [...] Isso, assim, influencia muito na tua [...] Na tua mente, no teu desempenho profissional, porque tu, enquanto professor, tu quer ver aquele aluno ir bem, tu quer trabalhar, tu quer dar aula, tu quer fazer as coisas acontecerem, mas nem sempre isso é possível [...]”.</i> <i>“Eu acho que a maioria dos professores que trabalham aqui dentro, assim, são professores que não têm uma especialização específica na educação especial, mas o que eu mais vejo aqui dentro, assim, são professores buscando cursos na área da educação especial”.</i>
5	<i>“Não foi fácil. Tinha vez que eu vinha pra casa apavorada, porque era autistas severos, né, e aí eles tinham muito estereotipia, eles queriam se avançar em cima de ti, e eu não estava acostumada ainda com isso. Não que eu tenha que me acostumar, não é isso, mas aí era o novo. Eu não conhecia, não sabia o que era uma estereotipia, não sabia o que que era um surto. Eu não sabia lidar com isso”.</i>

Fonte: elaborado pela autora, 2019.

De acordo com as lembranças dos professores, para com o início das suas caminhadas na APAE, podemos verificar algumas situações que condizem com nosso referencial teórico. Ao afirmarmos, na pág. 29, que a APAE possui como

objetivo norteador melhorar a qualidade de vida e dar suporte emocional aos pais, percebemos a atenção dos professores em ter métodos claros e definidos, na medida em que o prof. 2 declara conseguir ver o resultado do trabalho, há uma organização e a realização de atividade por meio de trocas, o que exige atenção do professor. Já o prof. 3 afirma que aprendeu com o passar do tempo e com o apoio de uma colega e afirma ter convicção na capacidade dos alunos. Sobre esse aspecto, o prof. 4 diz que aprendeu a ver tudo com outros olhos, tornado-se mais humano. De acordo com Perrenoud (1999; 2000), como já mencionamos na pág. 32, é necessário valorizar e incentivar as competências de cada aluno para obtermos resultados.

Quadro 6 – Descrição da pergunta “Como você organiza/planeja suas aulas?”

Entrevistado	Resposta/Fala
1	<p><i>“Juntamente com o pedagógico eu tento trazer a realidade da vida diária, ou seja, nós trabalhamos as frutas. Eu levo o lúdico, levo as frutas. Nós trabalhamos o montar a mesa, então assim, eles montam a mesa, colocam a toalha, colocam os pratos, né? Tem um kit de pratos de plástico. Então toda essa questão, juntamente com o pedagógico... A gente conta quantos garfos tem que colocar, então, assim, é bem dinâmica e bem lúdica a proposta do EJA de manhã. À tarde também, só que um pouquinho... Como eles são menores assim, né, uma proposta mais de motricidade, mais dinâmica. Eu sempre digo assim, que as minhas aulas são muito dinâmicas, porque eles têm essa questão de que só papel não tem muita função, não tem finalidade [...]”.</i></p> <p><i>“Higiene bucal também. O ano todo o projeto, como eles tavam fazendo agora da higiene, também. Foi trabalhinho pintado, foi olhado vídeo, foi falado sobre. Cada um olhou os dentes dos professores, a gente mostrou a boca pra eles. Tudo bem elaborado, vai uma semana essas explicações, lembrando eles...”.</i></p>
2	<p><i>“Na segunda-feira, final da tarde, a gente já tenta se organizar para a semana, mas eu [...] Início do ano já eu fiz um cronograma que a gente tem na sala exposto [...] já tenho assim, pra cada dia que a gente iniciar, o primeiro momento nosso da tarde é o momento da mesa, pra gente se organizar, pra gente se acalmar, pra tomar uma água, e é dentro depois com esse material. Depois que ficou ali uns quarenta minutos, quarenta e cinco, e todo mundo já chegou, tá todo mundo organizado, a gente vai pro trabalho... mas eu cheguei aqui e simplesmente não deu certo porque eu tenho</i></p>

Entrevistado	Resposta/Fala
	<i>um aluno que tá totalmente... Meio agitado hoje, né? Então eu vou ter que focar naquele lá. Então, pra mim, conseguir fazer um trabalho em grupo, um trabalho mais pedagógico, eu tenho que... Ou um pra um, né? Ou eu tenho que... A gente tem que sentar, assim, deixar todo mundo primeiro fazer aqui, fazer ali, pra ter um..."</i>
3	<i>"Eu penso muito no depois, sabe? Na APAE eles têm... Agora eles têm o tempo assim, de até o familiar não querer mais ou acontecer uma fatalidade. E depois, em casa? Será que vai conseguir botar uma roupa? Será que vai conseguir cortar um pão? Será que sabe que no suco vai um pouquinho de açúcar? Então, eu vou mais pra esse lado. Eu faço a culinária, vou na lavanderia pra eles lavarem os aventais, de vez em quando eu faço um faxinão na sala e faço eles passarem pano, né, auxiliar assim, a varrer. Eu vou mais pra essa parte, né?"</i>
4	<i>"Eu acho que isso, indiferente de trabalhar numa APAE ou numa outra escola, teu planejamento precisa ser muito flexível e, principalmente aqui... A gente, na verdade, não consegue trazer um planejamento total pra uma turma inteira. Então, assim, o que acontece? Tu vai ter de ter um olhar pras limitações desse aluno: 'Com esse aluno eu vou trabalhar um jogo, porque ele precisa aprender as cores. O outro aluno já tá [...]"</i>
5	<i>"Na verdade, eu penso assim sempre na... Em alguma temática, alguma coisa. Eu tento pegar deles, né? Talvez alguma dúvida, alguma coisa que eles me trazem, mas é bem difícil, porque aqui na APAE eu tenho muita dificuldade em ter uma sequência didática, de eles lembrarem o que eu tô fazendo, pegarem esses links que, se fosse numa outra escola os alunos já iam conseguir se dar conta desses links. Então aqui, eles às vezes... Muitos não se dão conta do que eu tô trabalhando, sabe? Até lembrar, ou não entendem porque que eu tô falando aquilo, né? Então assim, esse ano eu já trabalhei... Trabalho em cima de alguma história, né, alguma temática a gente trabalha em datas comemorativas. Eu trago, puxo alguma coisa deles, trabalho em releitura... Eu gosto muito de trabalhar releitura de obras". "Projetos, isso aí. A questão das emoções... E aí tu vai linkando as atividades, né? Daí tu trabalha diversas áreas..."</i>

Fonte: elaborado pela autora (2019).

No que diz respeito à organização e planejamento das aulas, podemos perceber que os docentes têm um olhar atento para as diversidades existentes

dentro da sua sala de aula. O professor 4 afirma que não organiza um único planejamento para a turma, pois respeita o tempo e necessidade de cada aluno. Dessa forma, retomamos o que defende Daniela Alonso (2013), ao destacar que educar na diversidade exige um dia a dia com práticas pedagógicas que valorizem as diferenças da sala de aula. Podemos perceber que os professores estão engajados em adaptar o seu planejamento flexibilizando os processos de ensino, buscando desenvolver as competências dos alunos na sua individualidade, ultrapassando e vencendo suas limitações.

Também retomamos o que escreveu Schulmann (*apud* PACHECO; FLORES, 1999), sobre a importância da prática e pelas falas das professoras, há o incentivo aos alunos a realizarem as tarefas em todas as propostas. O professor 1 relata que em seu fazer pedagógico há espaço para a prática, para o lúdico, para o aprender com dinamicidade. O docente expõe que em suas aulas os alunos vivenciam as propostas de diferentes maneiras, explorando as mais diversas áreas do conhecimento, prezando pela formação integral do sujeito.

Quadro 7 – Descrição da pergunta “O que sustenta o seu fazer pedagógico?”

Entrevistado	Resposta/Fala
1	<p>“[...] o PPP é um dos que... Que a gente também dá uma olhada”.</p> <p>“Mas, assim, muito vai além, de olhar a necessidade que tá precisando no momento. Visualizar os alunos: ‘Nossa, preciso trabalhar mais essa questão do banheiro, preciso trabalhar a questão da alimentação, preciso trabalhar a questão da motricidade. O que que tá falando pra contribuir pra esse educando?’ [...]”.</p> <p>“O que que ele tá falando? O que que eu preciso? Vou dar continuidade com o que eu tô trabalhando? Paro por aqui e inicio uma nova proposta?”, e assim vai indo”.</p>
2	<p>“Muito além do pedagógico nosso, assim, aqui que eu digo é o comportamento, né? É o ensinar eles muitas coisas antes de eu ensinar uma letrinha ou um número. A primeira coisa que eu tenho que fazer é criar vínculo contigo, fazer tu sentar numa cadeira, saber participar do grande grupo, né? Ou fazer o uso de um banheiro adequadamente, né? Conseguir ir até o refeitório, não se... Não mostrar o que eu quero, o que que desejo, com agressão, ou agredindo o colega ou me auto-agredindo, sabe? Então eu acho que tem muita coisas, assim, antes”.</p>

Entrevistado	Resposta/Fala
3	<p><i>“Na verdade eu fiz um projeto, né? Se mantém um projeto porque pra eles é tudo mais devagar. Daí também eu vou pra tablet, eu pego atividade mais motora, né? De pegar, de olhar, de concentração, atenção, né? Movimento olho e mão...”</i></p>
4	<p><i>“Na verdade, isso foi introduzido esse ano, que é o PEI, o Plano Estruturado, tá? Então, assim, esse PEI, na verdade, é feito no início do ano. A gente faz, na verdade, uma... Uma anamnese, digamos assim, sobre as potencialidades que eu vejo nessa criança, quais são as suas limitações, né, que eu percebo, e pensando nos objetivos que eu posso atingir com ele”.</i></p> <p><i>“Esse PEI é um plano individual de cada criança. Então, a gente faz esse PEI no início do ano, né, nos primeiros meses. A gente, primeiro, recebe as crianças e depois a gente faz observações, e aí a gente preenche esse PEI de acordo com as observações que a gente vai tendo em relação a essa criança. No segundo semestre, a gente reorganiza esse PEI, pensando no que eu posso... No que a criança atingiu...”</i></p>
5	<p><i>“Na verdade, eu uso muito o concreto, né? E se a gente for olhar, que nem agora, a gente estuda as fases de Piaget... Com crianças daqui, a gente não muito... A gente não tem um parâmetro correto, né? Por exemplo, eu tenho os meus alunos de 10 anos, né? O que que é certo pelos 10 anos, a nível de desenvolvimento, né? Então, muita coisa não fecha, então a gente volta, seis anos, né, quatro anos. Tu tenta mais ou menos ficar nesse parâmetro pra tu conseguir planejar, sabe? Só que aqui dentro nós não temos, assim, o método tal...”</i></p> <p><i>“Não, não tem um método que me baseia. Não tem, assim, algo em que eu vou me basear. Então, assim, eu faço esses cursos e aí eu venho trazendo material e eu vou linkando dentro das atividades...”</i></p>

Fonte: elaborado pela autora (2019).

No que diz respeito ao fazer pedagógico, podemos perceber que os docentes desconstroem e lapidam suas ideias, aperfeiçoando-se, possuindo um olhar atento para as diversidades existentes dentro da sua sala de aula. Observa-se na fala do professor 4 que o grupo docente está amparado por instrumentos construídos dentro da instituição. Carregam suas falas conscientes da importância de adequar seu planejamento de acordo com as necessidades dos alunos. Os educadores transparecem em suas falas a liberdade no trabalho, o apoio da coordenação e

direção da instituição, portanto, sentem-se capazes de ajustar a sua práxis na busca pelos saberes de seus alunos.

Também retomarmos a filosofia da APAE, “Escola de Educação Especial visa à prevenção, estimulação, reabilitação, escolarização e inclusão da pessoa com deficiência [...]” apresentada na pág. 27, o professor 1, em sua narrativa, comprova que a teoria acontece na prática. Também, observa-se que a busca por novos conhecimentos, a ampliação da formação, o aprender novas formas de pensar e agir para atender as demandas exigidas em sua atuação profissional, fazem parte da vida profissional dos educadores da APAE.

3.4 Observação e Análise das aulas

As imagens das observações das aulas são de fonte da autora. Todas as imagens foram realizadas durante as observações das aulas, em novembro de 2019. Os registros fotográficos realizados durante as observações das aulas dos cinco professores entrevistados ilustrarão a prática reflexiva e a aposta nas potencialidades dos alunos. Portanto, ao analisarmos as dez imagens, iremos elencar a lista das dez competências profissionais elencadas por Perrenoud, citadas anteriormente na pág. 31, a cada uma das imagens. Sendo assim, para cada registro fotográfico será apresentada uma das competências de Perrenoud.

Figura 4 – Observação aula “A”, registro 1



Fonte: elaborado pela autora, 2019.

3.4.1 Competência 1 – Organizar e dirigir situações de aprendizagem

Ao visualizarmos a figura 4 é possível fazer a releitura da competência 1, elencada por Perrenoud (2000). Observamos que é possível organizarmos e dirigirmos na prática as situações de aprendizagem, respeitando as individualidades de cada educando.

Ainda ao encontro com o registro da figura 4, conforme citado na pág. 45, na Escola de Educação Especial Bem Me Quer da APAE, os professores que realizam os atendimentos dentro da APAE acolhem o indivíduo, pensam em práticas pedagógicas com a elaboração e organização de recursos pedagógicos de acessibilidade, que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas nos espaços da APAE diferenciam-se daquelas realizadas em salas de aula comum, complementando e ou suplementando na formação dos alunos.

Figura 5 – Observação aula “A”, registro 2



Fonte: elaborado pela autora, 2019.

3.4.2 Competência 2 – Administrar a progressão das aprendizagens

A competência 2 trazida por Perrenoud (2000), sinaliza que cabe ao professor, após o fazer pedagógico, administrar as progressões das aprendizagens, ato importantíssimo no que diz respeito à educação especial. Partindo desta afirmativa, conforme trouxemos na pág. 31, sinalizamos a prática docente, comportando situações complexas, incertas, singulares, imprevistas, como uma sucessão de microdecisões dos mais variados caracteres, que perpassam por interações, conflitos e contradições constantes (CAMPOS; DINIZ, 2001).

Em face dessa caracterização, compreende-se a importância da reflexão do seu fazer pedagógico por parte do professor. Para alcançar objetivos e desenvolvimento, por vezes vê-se necessário um reinventar-se, pois a prática que é adequada para um estudante, nem sempre é adequada para outro.

Figura 6 – Observação aula “B”, registro 1



Fonte: elaborado pela autora, 2019.

3.4.3 Competência 3 – Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação

Frente a todos os desafios impostos pela educação especial, os educadores da APAE são diariamente convidados a buscar alternativas e dispositivos que

possam trazer resultados para o desenvolvimento integral dos estudantes. Os professores propiciam no seu fazer pedagógico práticas com a utilização de recursos pedagógicos de acessibilidade, que eliminem barreiras. Buscando a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas.

A figura 7 é o registro do atendimento individualizado, pensando para o estudante, sendo assim, uma releitura da competência 3 trazida por Perrenoud (2000).

Figura 7 – Observação aula “C”, registro 1



Fonte: elaborado pela autora, 2019.

3.4.4 Competência 4 – *Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho*

A escrita da pág. 13 é afirmada ao fazermos a leitura deste registro. O professor de classe especial certamente conhece o diagnóstico do aluno, as principais características e decorrências de seu quadro patológico, mas quase nunca usa este dado como ponto de partida para conhecer as potencialidades do sujeito (FREIRE; VALENTE, 2001). Para os autores, o diagnóstico é mais frequentemente visto como um fator limitante na vida escolar do aluno; define o que o sujeito não pode fazer. Nas salas de aula, durante as observações realizadas percebeu-se que

os professores da APAE buscam visualizar e acreditar nas potencialidades do sujeito, explorando o que o discente pode fazer.

A competência 4, que cita o termo “envolver”, vem ao encontro às ações da professora para com o estudante. Na figura 7, percebe-se o envolvimento das duas partes na proposta de pintura.

Ainda trazemos Halbwachs para a análise e compreensão do registro desta prática pedagógica, pois, na pág. 32 afirmamos que os profissionais e alunos da instituição são a vinculação de um grupo a um espaço: os grupos “[...] estão ligados naturalmente a um lugar, porque é o fato de estar juntos num dado espaço que permite aos seus membros criar laços sociais” (HALBWACHS, 2006, p. 203).

Figura 8 – Observação aula “C”, registro 2



Fonte: elaborado pela autora, 2019.

3.4.5 Competência 5 – Trabalhar em equipe

Quanto à figura 8, vê-se a competência número 5 desenvolvida na prática. Dedicar-se à mesma tarefa é desafio diário para os professores da instituição. Sendo fundamental o diálogo e a parceria dedicando-se e acreditando na mesma tarefa.

Conforme mencionado na página 13, para Nóvoa (2001), “[...] O desenvolvimento pessoal e profissional depende muito do contexto em que

exercemos nossa atividade. Todo professor deve ver a escola não somente como o lugar onde ele ensina, mas onde aprende. A atualização e a produção de novas práticas de ensino só surgem de uma reflexão partilhada entre os colegas. Essa reflexão tem lugar na escola e nasce do esforço de encontrar respostas para problemas educativos. Tudo isso sem cair em meras afirmações retóricas. Nada vai acontecer se as condições materiais, salariais e de infraestrutura não estiverem devidamente asseguradas. O debate sobre a formação é indissociável das políticas de melhoria das escolas e de definição de uma carreira docente digna e prestigiada.”. Ou seja, assumindo um compromisso com a prática em sala de aula, é importante que o professor analise e reflita sobre a sua própria prática, e assim como garante o autor, o melhor caminho é sempre dialogar, debater e refletir com os colegas.

Figura 9 – Observação aula “D”, registro 1



Fonte: elaborado pela autora, 2019.

3.4.6 Competência 6 – Participar da administração da escola

Na Escola de Educação Especial Bem Me Quer, vinculada à APAE, os professores realizam reuniões semanais tendo abertura para participar das tomadas de decisões da área administrativa da escola. Sendo assim, conforme mencionado

na pág. 17, todos os educadores participam da gestão escolar, assumindo um compromisso com a prática em sala de aula, nós, educadores, como organizadores do espaço escolar, devemos guiar e orientar as atividades dos alunos durante os processos de aprendizagem e este compromisso perpassa as paredes da sala de aula.

Figura 10 – Observação aula “E”



Fonte: elaborado pela autora, 2019.

3.4.7 Competência 7 – Informar e envolver os pais

Conforme citado na página 32, o objetivo norteador da instituição é melhorar a qualidade de vida com nossa intervenção, estimular, reabilitar, educar e integrar as pessoas com Deficiência intelectual, múltipla e autismo à comunidade e ao mercado de trabalho, e dar suporte emocional aos pais, contribuindo para que o manejo e as relações interfamiliares se deem de forma harmônica e saudável (APAE LAJEADO, 2019).

Portanto, a competência 7 faz ligação com as propostas da instituição, no que diz respeito a “informar e envolver os pais”. Como podemos visualizar na imagem

10, a motricidade é trabalhada diariamente com os estudantes, respeitando as individualidades de cada um. Sendo assim, em apoio às famílias, as educadoras confeccionam jogos e materiais de cunho pedagógico para que as famílias estejam envolvidas com o trabalho que é realizado na instituição. A parceria entre escola e família é fundamental para um melhor desenvolvimento dos estudantes. Ressaltamos aqui a significativa presença de famílias que circulam pelos corredores da APAE, todos envolvidos na mesma causa.

Figura 11 – Observação aula “D”, registro 2



Fonte: elaborado pela autora, 2019.

3.4.8 Competência 8 – Utilizar novas tecnologias

Na APAE o uso das tecnologias faz parte do dia a dia escolar. Como podemos visualizar na imagem 11, a motricidade é trabalhada diariamente com os estudantes a fim de que possam utilizar aparelhos eletrônicos desenvolvendo assim mais e novas habilidades. Cada estudante, dentro do seu tempo e dentro de suas potencialidades participa de momentos com interação com recursos tecnológicos.

Na pág. 14 citamos que o ensino especial se constrói em torno da igualdade de oportunidades, atendendo as necessidades de cada educando através de adaptações do sistema educacional. Sendo assim, os educandos têm acesso a uma educação capaz de responder às suas individualidades, que é o retrato desta imagem da figura 12.

Figura 12 – Observação aula “C”, registro 3



Fonte: elaborado pela autora, 2019.

3.4.9 Competência 9 – Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão

A figura 12, bem como as narrativas dos educadores, conversam diretamente com a competência 9 trazida por Perrenoud. Educadores necessitam no seu fazer pedagógico ultrapassar barreiras, desenvolver um trabalho voltado para a cidadania. Desenvolvendo linguagens e habilidades em meio ao seu fazer pedagógico, acreditando nas potencialidades dos seus alunos, não apenas levando em consideração o laudo de cada estudante.

Figura 13 – Observação aula “B”, registro 2



Fonte: elaborado pela autora, 2019.

3.4.10 Competência 10 – Administrar sua própria formação contínua

Elencamos aqui a competência número 10, trazida por Perrenoud, partindo das narrativas dos entrevistados, percebe-se que os educadores da instituição estão sempre em busca de conhecimentos, visto que os desafios em sala de aula são diários, portanto, a busca por formação contínua é imprescindível. Observa-se na imagem 13 o quanto que o trabalho dos docentes é próximo do educando, exigindo assim um olhar, afinal cada ser é único e traz consigo uma história e uma necessidade que é única, somente sua.

4 PRODUTO CULTURAL

Como produto final da Dissertação de Mestrado em Memória Social e Bens Culturais, da Universidade LA SALLE, sob o título “MEMÓRIAS DOCENTES NO FAZER PEDAGÓGICO DA APAE - LAJEADO/RS”, nasceu a proposta de um documentário com o objetivo de apresentar à comunidade, o fazer pedagógico realizado nas salas de aula da instituição, dando assim, visibilidade ao trabalho dos docentes da APAE de Lajeado, RS.

O referido documentário fica hospedado na página do Instagram da própria autora, redes sociais e site da instituição APAE e na plataforma Youtube para ser visualizado pelo público em geral e dar conhecimento das memórias dos docentes no fazer pedagógico praticado na instituição, proliferando assim o fazer pedagógico que é realizado nas salas de aula, dando visibilidade aos educadores que lá atuam.

Dessa forma, pretende-se alcançar o objetivo de dar visibilidade à prática docente da instituição e, com isso, propiciar subsídios para a disseminação de práticas inclusivas bem como sensibilizar possíveis doadores de investimentos para a instituição.

4.1 Planejamento e considerações metodológicas

A construção do documentário teve como base as entrevistas com cinco professores da Escola de Educação Especial Bem Me Quer da APAE de Lajeado, observações de práticas pedagógicas realizadas nas salas de aula, registros internos de documentos da instituição e teorias envolvidas com esse projeto.

Os questionamentos foram respondidos a partir da elaboração de um roteiro de perguntas semiestruturado (APÊNDICE A) com o objetivo de demonstrar a relevância de suas memórias e narrativas.

O Quadro 8 apresenta o cronograma das filmagens realizadas com as respectivas atividades.

Quadro 8 – Cronograma das filmagens

Semana	1ª Semana	2ª Semana	3ª Semana	4ª Semana	5ª Semana
Atividade					
Elaborar roteiro	4 dias				
Planejamento de filmagens		2 dias			
Filmagens			3 dias	3 dias	
Edição e formatação do documentário					5 dias

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

O Quadro 9 apresenta o roteiro das cenas do documentário.

Quadro 9 – Roteiro das cenas de filmagens

Nº Cenas	Descrição das cenas
Cena 1	Imagem da apresentação da autora no polo da Universidade Lasalle em Estrela, RS.
Cena 2	Imagem da autora nos espaços de estudo da Universidade Lasalle, explanando sobre o assunto a ser apresentado.
Cena 3	Imagem da autora nos espaços de estudo da Universidade Lasalle, apresentando o documentário.
Cena 4	Imagem da autora apresentando Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE, Lajeado.
Cena 5	Imagem da autora no pátio/área aberta da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE, Lajeado, explicando sobre o conteúdo a ser apresentado.
Cena 6	Imagens de salas de aula com a ilustração de jogos, atividades e propostas utilizadas pelos professores no fazer pedagógico da instituição.
Cena 7	Fechamento do documentário com a fala da autora.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

4.2 Apresentação do documentário

O documentário está disponível em plataforma digital no site, no endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=-DXuSdy-2ak&feature=youtu.be> (MAHLE, 2020).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dizia Paulo Freire, “Não se pode falar de educação sem amor”. Desde o início, procurei evidenciar o meu amor e acreditação pela educação, mais especificamente, a educação especial. Pude comprovar e afirmar que a memória social está intimamente relacionada com o processo educacional. Diante da finalização desta dissertação, entendo que este trabalho lança luz sobre o rico fazer pedagógico que é desenvolvido pelos professores da APAE de Lajeado, importante instituição de educação especial da região.

A presente dissertação trouxe análises dos processos internos das práticas pedagógicas e a memória social dos docentes no seu fazer pedagógico. Para tanto tem-se uma percepção mais exata daquilo que se investigou desde o início do trabalho: “MEMÓRIAS DOS DOCENTES NO FAZER PEDAGÓGICO DA APAE - LAJEADO/RS”.

O objetivo geral do presente estudo foi dar visibilidade e mais significado ao trabalho docente a partir de um Documentário intitulado “Memórias do Fazer Pedagógico”. Além dos objetivos específicos que foram compreender as memórias e vivências dos professores da APAE/Lajeado, levantando dados acerca das suas práticas pedagógicas na instituição, identificar quais as estratégias usadas pelos professores na rotina da instituição, conhecendo e observando a interação com discentes e seus processos de ensino e de aprendizagem e analisar as dificuldades e/ou facilidades apontadas pelos docentes no fazer pedagógico da instituição. O documentário elaborado está publicado na plataforma do youtube bem como nas redes sociais da instituição, e na minha rede social instagram, ficando disponível à comunidade, demonstrando os dados coletados na pesquisa e registros das práticas pedagógicas realizadas dentro da instituição.

O grupo de cinco professores foi entrevistado individualmente e os questionamentos realizados foram sobre as suas trajetórias, memórias e vivências no fazer pedagógico da instituição. Desta forma tem-se os resultados das narrativas e memórias que demonstram a realidade vivenciada pelos professores na prática do dia a dia da sala de aula.

Partindo das análises de conteúdo destacam-se as metodologias e memórias do processo de ensino e aprendizagem no fazer pedagógico. Através das narrativas e observações das práticas pedagógicas, sob o viés das memórias sociais dos

professores entrevistados, foi evidenciado que estão sempre em busca de conhecimentos, realizando aperfeiçoamentos em cursos oferecidos pela instituição, bem como fora da instituição.

Constatou-se ainda que o processo de ensino e aprendizagem parte de práticas pedagógicas que apostam nas potencialidades do educando com deficiência, preparando-o para conviver integrado com a família e com a coletividade. Portanto, têm-se um olhar voltado para a formação integral dos alunos, com um fazer pedagógico para todos.

Ainda diante das teorias pesquisadas, observações e entrevistas realizadas foi possível detectar que a memória social está intimamente relacionada aos processos educacionais. Os educadores possuem papel relevante na vida dos seus alunos trazendo consigo memórias e construindo memórias dos métodos educacionais e possibilidades utilizadas com seus alunos. A memória social constituída pelos professores da APAE e abordada neste trabalho de mestrado influenciam diretamente no fazer pedagógico do professor de educação especial.

Portanto, o estudo sobre “MEMÓRIAS DOCENTES NO FAZER PEDAGÓGICO DA APAE - LAJEADO/RS”, concluiu que o professor de educação especial desempenha um papel muito importante na vida dos seus alunos. Acreditando nas suas potencialidades e vislumbrando a formação integral do aluno. Dessa forma, o trabalho alcançou plenamente os objetivos propostos no estudo da memória dos docentes no fazer pedagógico da instituição APAE do município de Lajeado, RS.

A partir deste trabalho pude aproximar-me ainda mais do fazer pedagógico dos profissionais de educação da Escola de Educação Especial Bem Me Quer da APAE de Lajeado, pois agora minha memória carrega não apenas as minhas vivências de APAE, carrego também todas trocas de conhecimento e aprendizagens que vivenciei com os cinco professores entrevistados. Assim, relembro a afirmativa de Halbwachs, quando o autor menciona que tudo o que lembramos do passado faz parte de construções coletivas do presente, portanto a memória deve ser compreendida como algo que se reconstrói o tempo todo (HALBWACHS, 2006).

Concluir este trabalho de pesquisa traz à tona os desafios pelos quais nós, educadores, passamos. Diante de todos os caminhos que ainda precisam ser vencidos, e na certeza de que nunca estamos prontos, provoco-me a mais estudos, desafios e inquietações. O desejo de aprender e de continuar pesquisando sobre a

educação especial me instiga profundamente, pois me sinto motivada a buscar incessantemente novos aprendizados e disseminação de novas metodologias e técnicas de ensino visando ao desenvolvimento integral dos educandos com deficiência. Fico na certeza de que a caminhada é tão, ou mais bonita quanto a chegada!

Finalizo com um dos pensamentos que embasam a minha docência:

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, c2005-2020).

REFERÊNCIAS

[PÁGINA inicial]. *In*: FEDERAÇÃO Nacional das APAES (APAE BRASIL). Brasília, [2020]. Disponível em: <https://apaebrazil.org.br>. Acesso em: 22 nov. 2020.

A APAE Lajeado. *In*: APAE Lajeado – RS. Lajeado, c2019. Disponível em: <https://www.apaelajeado.com.br/aapae>. Acesso em: 24 nov. 2020.

ALBERTI, Verena. **Manual da História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALONSO, Daniela, Educação inclusiva: desafios da formação e da atuação em sala de aula. **Nova Escola**. São Paulo, 01 dez. 2013. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/588/educacao-inclusiva-desafios-da-formacao-e-da-atuacao-em-sala-de-aula>. Acesso em: 22 nov. 2020.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. Campinas: Unicamp, 2011a.

ASSMANN, Aleida. Qual é o significado real da lembrança? [Entrevista cedida a] Roland Detsch. **Goethe-Institut**. Berlim, jan. 2011b. Disponível em: <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/cul/20809570.html>. Acesso em: 22 nov. 2020.

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS DE LAJEADO (APAE LAJEADO). **Regimento Interno Escolar (revisado em 2015)**. Lajeado: APAE, 2015. Disponível em: https://7727640d-fec6-4768-99a3-ef63f272fb3f.filesusr.com/ugd/361a4a_d9d54c8bf45f4605858eeae1c8e40bdb.pdf. Acesso em: 22 nov. 2020.

BUSCAR periódico. *In*: PORTAL periódicos CAPES/MEC. Brasília, [2020?]. Disponível em: https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_pmetabusca&mn=70&smn=78&sfx=buscaRapida&type=p&Itemid=125. Acesso em: 23 nov. 2020.

CAMPOS, Luciana M. Lunardi; DINIZ, Renato Eugênio da Silva. A prática como fonte de aprendizagem e o saber da experiência: o que dizem professores de ciências e de biologia. **Investigações em ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 79-96, 2001. Disponível em: <https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/587/380>. Acesso em: 22 nov. 2020.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CENSO 2010. *In*: INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 22 nov. 2020.

CUNHA, Antonio Eugênio. **Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

FREIRE, Fernanda Maria Padro; VALENTE, Jose Armando. **Aprendendo para a vida: os computadores na sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2001.

HABILIDADE. *In*: DICIO: Dicionário Online de Português. [S. l.], c2009-2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/habilidade/>. Acesso em: 22 nov. 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

MAHLE, Angélica Heinen. **Mestrado Angélica Heinen Mahle**. [S. l., s. n.], 25 nov. 2020. 1 vídeo (7 mim 23 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DXuSdy-2ak&feature=youtu.be>. Acesso em: 26 nov. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NÓVOA, Antonio. Professor se forma na escola. [Entrevista cedida a] Paola Gentile. **Nova Escola**, São Paulo, 01 maio 2001. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/179/entrevista-formacao-antonio-novoa>. Acesso em: 23 nov. 2020.

PACHECO, José Augusto; FLORES, Maria Assunção. **Formação e avaliação de professores**. Porto: Editora do Porto, 1999.

PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar: convite à viagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito; FREIRE, Fernanda Maria Pereira. A formação em serviço visando à reconstrução da prática educacional. *In*: FREIRE, Fernanda Maria Padro; VALENTE, Jose Armando. **Aprendendo para a vida: os computadores na sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2001.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. *E-book*. Disponível em: <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2020.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, out. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v13n38/38myrian.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2020.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

APÊNDICE A – Roteiro de perguntas

DATA: _____ MUNICÍPIO: Lajeado, Vale do Taquari/RS.

LOCAL: Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Idade:

Formação:

Profissão:

E-mail:

Telefone:

2 MEMÓRIA E FAZER PEDAGÓGICO

- 1) Tempo de APAE/Lajeado:

- 2) Qual turma atua atualmente?

- 3) Qual a tua trajetória profissional?

- 4) Tens algum curso ou especialização na área da Educação especial?

- 5) Me conta como a educação especial entrou na sua vida?

- 6) Quais são as tuas lembranças do teu início na APAE/Lajeado?

- 7) Como você organiza/planeja suas aulas?

- 8) O que sustenta o teu fazer pedagógico?

- 9) O que você entende por “fazer” pedagógico?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado (a) _____ você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “APAE - LAJEADO/RS: AS MEMÓRIAS DOS DOCENTES NO “FAZER PEDAGÓGICO” DA INSTITUIÇÃO” realizada pela pesquisadora Angélica Heinen Mahle, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle/Canoas (UNILASALLE).

O objetivo geral desta pesquisa é visibilizar o trabalho docente, realizando uma Mostra Apaeana, aberta à comunidade a partir dos dados coletados na pesquisa e registros fotográficos das práticas pedagógicas realizadas dentro da instituição.

A pesquisa será feita junto a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), situada no município de Lajeado, Vale do Taquari/RS, onde cinco professores selecionados participarão da pesquisa do projeto da pesquisadora. Nesse estudo a coleta de dados terá duas etapas inter-relacionadas: a realização de Entrevistas Semiestruturadas e de Observações Participantes, com utilização de registros em diários de campo e em material audiovisual (fotografias) da prática dos docentes da instituição.

Os nomes dos professores participantes das entrevistas serão substituídos por um número que será dado a cada participante, visando preservar seu anonimato. As informações coletadas e analisadas serão mantidas em confidência. Os resultados da pesquisa serão publicados, em um artigo científico que também será disponibilizado para vocês lerem.

Se você tiver alguma dúvida, você pode entrar em contato com a pesquisadora Angélica Heinen Mahle pelo telefone: 51 99100-8671, e-mail: angelica.201820348@unilasalle.edu.br ou angelica.mahle@hotmail.com.

Estrela, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do professor participante

Assinatura da pesquisadora
Angélica Heinen Mahle